

O COMMENDADOR

BIBLIOTHECÁ PUBLICA  
do  
ESTADO DO MARANHÃO

José Lopes Carneiro

ORMA  
323.4  
C289p  
mB

AO PUBLICO



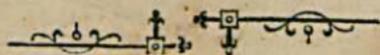
MARANHÃO--1899

Typ. de Ramos d'Almeida & C.ª Succs.



O Commendador José Lopes  
Carneiro

## AO PUBLICO



Fiel ao comprommisso que contrahi para com o publico nos jornaes diarios d'esta capital de 23 de dezembro corrente, venho desempenhar-me d'essa ardua missão, offerecendo á sua alta e imparcial apreciação a minha defesa na qual esboçarei com toda a franquesa e lealdade os actos publicos e privados de minha vida; mas antes de fazel-o permitta-me o publico illustrado, para quem escrevo, que o ponha á par dos motivos que actuaram em meu espirito para fazer o que nunca tive em mente, isto é, tornar publicos todos os actos principaes de minha vida.

Não deve o publico estar ainda esquecido de um artigo, em forma de libello diffamatcario, que foi publicado na *Pacotilha* de 2 de agosto do corrente anno sob o pseudonymo *Sentinella*, e epigraphé «Guimarães», no qual um acervo de expressões calumniosas, de doestos e injurias atrozes, de envolta com uma linguagem in-

conveniente e descomedida, despedia o seu auctor indirectamente contra a minha humilde pessoa.

Deve tambem o publico recordar-se que nos jornaes diarios d'esta capital de 10 do mesmo mez de agosto provoqueei o *Sentinella* á desmacarar-se e vir declarar, sob sua verdadeira assignatura, se aquelles ataques calumniosos diziam-me respeito á fim de lhe poder dar uma resposta cabal, sob pena de merecer o individuo acobertado com aquelle anonymo o epitheto de infame detractor da honra alheia e portanto um ente perverso e sem moralidade alguma.

Pois bem o *Sentinella*, a quem não agradou o elogio que se dignou dispensar-me o importante jornal *Mala da Europa* de 28 de março do corrente anno em artigo especial, elogio este que deu motivo certamente ao desforço torpe de que lançou mão com o intuito provavel de desprestigiá-me perante a opinião publica, recolheu-se ao silencio até hoje, fazendo assim crêr que não tinha a coragem precisa para assumir a responsabilidade de seu acto, e que era á mim indubitavelmente que se dirigia.

Passaram-se cinco mezes sem que o *Sentinella* desse signal de vida; e vendo eu frustrada sua ressurreição, apezar de jamais nutrir esperanza alguma á tal respeito, por julgal-o incapaz de enfrentar comigo em todo e qualquer terreno, resolvi, externando todos os negocios e factos da minha vida publica e privada, sujeital-os á apreciação de um publico sensato e moralizado, como é o d'esta capital e de todo Estado, cujo *veredictum* imparcial me servirá, de hoje para sempre, de escudo contra os botes diffamatorios de um *Freitas* e de outros reproductores de suas pasquinadas que, sem occupação alguma séria, consommem o tempo detractando da vida alheia e atassalhando a honra e reputação do proximo.

São estes, pois, os motivos justificativos do meu procedimento, que julgo justo e honesto; porquanto não desejo que, nem de leve; se possa pôr em duvida a minha honra e reputação que tenho procurado e procurarei sempre conservar á salvo de qualquer censura.

Conhecidos estes motivos, torna-se-me preciso, para melhor desenvolvimento, transcrever antes de encetar

a minha defesa tudo quanto pela imprensa se ha dito á tal respeito, e é o seguinte :

Da redacção do jornal illustrado *Mala da Europa* de 28 de março de 1898.

### **José Lopes Carneiro**

O Sr. José Lopes Carneiro nasceu em 1838 na villa de Mont'alegre, provincia de Traz-os-montes. Seu pae, o Sr. Manoel Antonio Lopes Carneiro, era tabellião na mesma villa, e exerceu depois o cargo de director da alfandega de Montalvão, onde falleceu. Na revolução de Setembro era adepto da Junta do Porto, vendo-se mais de uma vez obrigado a emigrar para a Hespanha, como aconteceu a todos os empregados publicos que defenderam a causa do governo. Em uma d'essas occasiões o Sr. José Rodrigues Canêdo, desejoso de livral-o de difficuldades que suggeriram, embarcou pera o Maranhão o seu afilhado José Lopes Carneiro, dando-lhe boas recommendações. Contava apenas 14 annos de idade, sendo já notada a sua intelligencia desenvolvida pelos rudimentos de latim, francez, rethorica, algebra, arithmetica, etc., e com alguma pratica do commercio.

Chegando ao Maranhão occupou o lugar de guarda-livros em uma das melhores casas de então d'aquella praça, até á idade de 25 annos—sendo então atacado d'uma bronchite, que o impossibilitou de continuar na vida de carteira. Retirou-se para a aprasivel e amena comarca de Guimarães (Brazil) perto da capital, onde, algum tempo depois contrahiu matrimonio com a Sra. D. Maria Joaquina de Souza Bastos.

Na comarca de Guimarães tem prestado relevantes serviços á causa publica, auxiliando de um modo notavel o commandante superior da guarda nacional do Município afim de concorrer, como concorreu, com o contingente de 150 praças que lhe coube dar para o serviço da guerra com o Paraguay.

No primeiro recenseamento a que se procedeu no Imperio, prestou relevantes serviços na mesma comarca, fazendo todo o serviço a cargo d'uma commissão de

cinco membros, confeccionando mappas e relatorios; e no Cururupú—município vizinho—percorreu a quinta parte do territorio, indo de porta em porta das habitações dispersas, tomando notas de nomes, enchendo listas de familia, etc., etc.

Quando se deu a emigração de grande numero de cearenses por causa da grande sécca que então flagellava a então provincia do Ceará, agazalhou por 6 mezes em sua Fazenda quatro familias em numero de 20 pessoas, sendo a maior parte mulheres e creanças, sustentando-as e fornecendo-lhes roupas, remedios, armas de fogo e munições para caça, tudo á sua custa, sem que se utilisasse de serviço algum d'essa gente. Todos esses serviços prestou o nosso biographado antes da sua naturalisação.

Enraizado no Maranhão, naturalisou-se brasileiro e ama a sua patria adoptiva como ama a que lhe foi berço e é d'ella irmã e amiga. Quando se levantou a grande idéa da offerta do navio *Patria*, foi um dos que espontanea e generosamente assignaram a subscrição.

Concorreu para a formatura de seu sobrinho Domingos Dias da Costa Junior, que presentemente reside na cidade de Braga, e que soube aproveitar-se do beneficio.

E' criador e senhor de engenho, muito trabalhador e methodico. Algum tempo antes da lei de 13 de maio com que todos contavam, é verdade, mas nutrindo firme esperanza de haver indemnisação, deu incondicionalmente liberdade a todos os seus escravos, e os estabeleceu em sua Fazenda, fornecendo-lhes terras, carros, bois e admittindo-os como lavradores do seu importante estabelecimento, pelo systema de parceria, tratando-os como filhos e sendo até hoje respeitado por elles como o era no tempo de senhor.

Foi presidente da Intendencia Municipal e desempenhou o cargo com muita rectidão e justiça. E' pela segunda vez deputado ao Congresso legislativo do Estado, e gosa da estima geral, quer de brasileiros ou portuguezes.

Da redacção do *Diario do Maranhão* de 22 de abril de 1898, referindo-se ao jornal *Mala da Europa* de 28 de março do mesmo anno.

«Na 3. pagina notamos o retrato do distincto cidadão, Commendador José Lopes Carneiro, cavalheiro prestimoso, importante membro e chefe do Partido Federalista, em Guimarães, onde é abastado lavrador e proprietario.

De presente nesta capital, onde o chamaram os trabalhos do Congresso do Estado, de que faz parte, como representante, eleito pela circumscripção em que reside, o Sr. Commendador Carneiro tem tido a satisfação de ser merecidamente felicitado pela surpresa, que lhe foi feita.

E' uma justa demonstração e prova do muito que lhe deve o nosso Estado, ao qual tão bons serviços ha prestado, concorrendo em diversas occasiões, com o seu valioso auxilio monetario para melhoramentos, e caridade, ao alcance de quem o conhece.»

---

Da redacção do jornal *Federalista* de 23 de abril de 1898.

A *Mala da Europa* de 28 do mez passado trouxe o retrato de nosso distincto amigo Commendador José Lopes Carneiro, com a respectiva biographia.

Esta distincção é muito justa, porquanto o Commendador Carneiro, alem de ter bastante importancia politica, recommenda-se por outros titulos, sobretudo por dispôr de um coração magnanimo.

---

Da redacção do jornal *Municipio* de 20 de maio de 1898, da cidade de Picos.

### **Commendador José Lopes Carneiro**

Devido a bondade de um amigo, temos sobre a nossa modesta mesa de trabalho, o n. 34 da *Mala da*

*Europa* de 28 de Março ultimo, que vem ornado com o retrato do Snr. Commendador José Lopes Carneiro, residente na comarca de Guimarães e actualmente Deputado ao Congresso do Estado. E' acompanhado de sua biographia, na qual estão claramente traçados os principaes factos de sua vida, ficando assim demonstradas as suas virtudes e alto prestigio de que gosa.

Por falta de espaço não a transcrevemos, o que sentimos, mas, não podemos deixar de enviar os nossos parabens ao respeitavel collega *Mala da Europa* pela sua feliz lembrança de collocar em sua importante galeria o retrato de um cidadão tão prestimoso como o Snr. Commendador Lopes Carneiro e assim a este por essa elevada distincção de que é digno.

Do jornal *Pacotilha* de 19 de maio de 1898.

Retrato—A *Pacotilha* em sua tiragem de 22 de abril p.p. referindo-se a *Mala da Europa*, diz que este jornal em seu n. 4, traz estampado o retrato do Commendador José Lopes Carneiro.

Lendo esse jornal effectivamente deparamos, não só com o mencionado retrato, mas tambem com a biographia daquelle cidadão, biographia que, segundo dizem, foi escripta de proprio punho do biographado e remetida de encommenda para aquelle jornal, cuja publicação custara um conto de réis!

Nada temos que ver com as vaidades alheias; e se disto nos occupamos é por termos ouvido dizer á alguem que essa descripção biographica está em demasia colorida para dar mais importancia ao quadro, ouvindo igualmente estranhar-se que aquelle referido cidadão já na idade de 14 annos, ao aportar nesta terra, fosse logo nomeado guarda-livros de uma importante casa commercial; cousa que ainda hoje é bem rara senão difficil.

Ouvimos finalmente dizer que o Commendador Carneiro não passara de um amigo intimo do finado Coro-

nel Braga mas que nunca lhe prestara esses importantes serviços como ali se diz, de quem fôra apenas escrevente assim como que no recenseamento do anno de 1871, os seus não forão superiores aos de outros agentes, que apezar disso não merecerão as honras de uma biographia. Sendo certo porem que o Commendador Carneiro obliuera, por isso, a empenhos seus com o dr. João Henriques Vieira da Silva a commenda de que usa, em troca de cujo serviço, como signal de sua gratidão, deu o nome daquelle dr. á um cuttersinho que então possuia, como acabou de fazer ultimamente, mudando para Prudente de Moraes o nome de sua canóa «Cotita».

### AO PUBLICO

Na correspondencia encimada pela epigrapha «Guimarães» e assignada por *O Sentinella* ha uma referencia ao jornal *Mala da Europa*, que aqui represento, e que é publicado em Lisboa.

Esclareço-a:

A minha qualidade de cidadão portuguez e alheio inteiramente a politica desta bôa terra deveria vencer ao anonymo auctor da correspondencia que não seria por sentimentos de politica que me determinaria a sollicitar da illustrada redacção da *Mala da Europa* a publicação do retrato do Sr. Commendador Lopes Carneiro, publicação que me foi pedida por importantes membros desta praça, e a qual com prazer me associei. Em referencia a declaração do anonymo signatario da correspondencia de que trato, de que a digna redacção da *Mala da Europa* tivesse recebido um conto de réis pela inserção do retrato do Sr. Commendador Carneiro, declaro sob minha assignatura e responsabilidade, falsa semelhante accusação calumniosa e vil, desafiando a quem quer que seja, que se encobre sob o véo do anonymo, a vir sob sua assignatura e responsabilidade, provar o contrario.

Bom será que haja toda a cautella quando se fazem

referencias d'esta ordem, verdadeira calumnia e insulto a um jornal que tendo inscripto em seu programma como base principal não vender suas columnas para publicação de retratos e biographias, tem cumprido com toda a lealdade esse programma, sem mesmo receber um obrigado d'aquelles cujos retratos publica.

E' assim anonymo a *sentinella*, que pratica a imprensa que se presa.

E' o que me cabe dizer como correspondente n'esta capital da *Mala da Europa* á pessoa que procurando fazer *politicagem de aldeia* serviu-se do anonymo para calumniar um jornal tão respeitavel como a acreditada folha Lisbonense.

Maranhão, 20 de Maio de 1898.

*Antonio Leonardo Gomes.*

---

## GUIMARÃES

No jornal *Pacotilha* de 19 do corrente mez e sob a epigraphe acima, deparei hoje, «nas publicações a pedido,» com uma correspondencia dirigida ao Redactor do mesmo jornal, assignada O *Sentinela*, cujo ultimo periodo trata do retrato e biographia do Exmo. Sr. Commendador José Lopes Carneiro inserido no jornal lisbonense *Mala da Europa*, principiando por dizer que, «segundo dizem, a biographia foi escripta pelo proprio biographado e remettida a aquelle jornal, cuja publicação custara um conto de réis; que a biographia era em demasia colorida; que é bem raro se não difficil ver-se guarda livros aos 14 annos; que o biographado não passara d'um amigo intimo do coronel Braga mas que nunca lhe prestara importantes serviços como ali se diz, de quem fôra apenas escrevente; assim como que no recenseamento que se procedeu em 1871, os seus serviços não forão superiores aos d'outros agentes etc. etc. etc.»

Na occasião em que eu lia este acervo de inverdades, achava-se presente o Sr. Commendador, e, pergun-

tando-lhe se não as desmentia pela imprensa, respondeu-me que não, que as desprezava, que os seus serviços prestados á causa publica erão bem conhecidos; que, quanto aos concernentes á guerra do Paraguay, appellaria para o testemunho da veneranda viuva do Coronel Braga e de seu genro Sr. Capitão José Ribeiro da Cruz Sobrinho; e quanto aos do primeiro recenseamento appellaria para o do Revmo. Padre vigario Lourenço Custodio dos Anjos, que era o presidente da respectiva commissão,—unicos cñtes vivos que podem com isenção d'espírito attestar os seus esforços, a sua abnegação de que elle proprio se admirava; que quanto ao conto de réis, isso era questão muito séria, mas que estava satisfeito, satisfetissimo com a eloquente e digna resposta do Sr. Antonio Leonardo Gomes, que mostrou-me, visto que eu ainda a não tinha visto. E a proposito: S. Eex. fez-me mimo do jornal em questão, e na mesma occasião disse-me; «Ollie, Felinto, o anno passado eu trouxe da cidade uns numeros da *Mala da Europa* que trazião o retrato do Senador Benedicto Leite, e presentando com um d'elles uma pessoa altamente collocada; essa pessoa disse: «ora, se eu me dispusesse a dar dinheiro, o meu retrato tambem viria n'este jornal!! Ha de ver que os malévolo, os mal-dizentes hão de dizer tambem que eu comprei o que se publicou a meu respeito...

Feita esta referencia e tendo sido eu que, a pedido d'um distincto negociante da capital, forneci alguns dados para a biographia em questão, julgo-me no dever de demonstrar que não errei no que disse, principalmente quanto ao auxilio prestado ao Commandante Superior e á commissão recenseadora. E tendo obtido a necessaria permissão passo a expór os factos de que tenho pleno conhecimento, commentando antes disso algumas allegações de *O Sentinella*.

Ha mais d'um anno instava-se na capital com o Exm. Sr. Commendador Carneiro para dar o seu retrato e apontamentos para a sua biographia, affim de serem remettidos ao Padre Guilherme Dias, proprietario então do jornal *Reforma do Porto*, visto que este se havia compromettido a inserir no mesmo jornal qua-

renta retratos de homens do Maranhão; mas nunca obtiverão isso, e se obtiverão agora para a *Mala da Europa*, foi por condescendencia e não por vaidade, sendo certo que não foi S. Exc. que escreveu a sua biographia. Dêo, porque não podia deixar de dar idade, filiação, naturalidade, etc., etc., e estes dados só os biographados, ou suas familias é que podem fornecer. «Cuja publicação, custou um conto de réis.» E' o cumulo! Pois um jornal em cujo programma se diz. . . . . inserindo em gravura ou photogravura retratos de homens importantes e illustrações diversas, «sem que por taes publicações receba retribuição alguma—...» Um jornal de que era proprietário um Delfim Guimarães e principalmente Redactor um Thomaz Ribeiro, é para ser calumniado como foi?!

E' o cumulo, é o cumulo! Só o despeito, a inveja, o desvario, é que podião dominar os calumniadores.

Não sei como os informantes de *O Sentinella* não disserão que os jornaes *Diario* e *Federalista* forão tambem pagos das justas apreciações que fizerão.

O Sr. Commendador deu ou subscreveu um conto de réis, é verdade, mas para o encanamento das aguas de Riba-Mar, e como esse rasgo de cavalheirismo e generosidade tem feito muitos e se vangloria por isso, porque trabalha, o suór de seu rosto orgulha-o, enobrece-o.

«A biographia estava em demasia colorida.» Isto disserão á *O Sentinella*, mas na opinião de todos que felicitavão na capital o biographado, disserão que era muito escassa, que merecia muito mais.» «E' raro, se não difficil ser-se guarda-livros aos 14 annos.»

O Sr. Commendador não occupou, logo que chegou, o lugar de guarda-livros—, foi um ou dois annos ajudante, mas uma tal explicação apenas podia servir para augmentar palavras.

Agora a exposição dos factos; antes, porem, devo scientificar ao publico sensato e illustrado de que o Exm. Sr. Commendador Carneiro tem me prodigalisado favores que só um bom pai pode prodigalisar a um filho. Tenho convivido com elle, conheço-o como as palmas das minhas mãos. Sei que elle não gosta de

aduladora, que detesta a adulação, por tanto não se diga que sou lisongeiro, que sou adulator.

«O *O Sentinella* diz que o informarão de que o Sr. Commendador não passára d'um amigo intimo do Coronel Braga. Foi a unica informação verdadeira que lhe derão. Erão realmente amigos tão íntimos, que o Coronel Braga confiava tanto n'elle que como Commandante Superior em serviço activo approvava e assignava tudo quanto o amigo lhe apresentava, e este, que era então solteiro, abandonava tudo para o servir com uma fidelidade e um zelo a toda prova.

No tempo da guerra do Paraguay eu privava com alguns officiaes superiores da G. N. e quando se tratava de fazer designação de praças para o serviço da guerra, foi designado um irmão meu. Lutei, esforcei-me quanto pude para conseguir que fosse dispensado de marchar, mas, apesar de muitos e valiosos empenhos, só vim a conseguir isso depois de completo o ultimo contingente. Os pedidos, os empenhos que se dirigião ao Commandante Superior tinham invariavelmente em resposta deste: Entendão-se com o Carneiro; elle é que está encarregado de tudo; confio nelle e o que elle fizer estará bẽm feito.

Dirigião-se ao Sr. Carneiro e este respondia tambem invariavelmente. «Emquanto o contingente não estiver completo, não cederei uma unha; o coronel confia em mim e eu prefiro o desaffecto ou inimisade de todos a trahir um homem de bem, um perfeito patriota que delega em mim todos os seus poderes.» E com effeito devido aos esforços do Sr. Commendador, foi o Commandante Superior da G. N. de Guimarães o unico da provincia que completou o contingente que lhe coube dar para o serviço da guerra.

O Sr. Commendador era então ainda estrangeiro, mas entendia que assim é que devião proceder os estrangeiros em defesa da integridade do paiz em que habitavão.

E, seja-me licito dizel-o, si todos pensassem como o cavalheiro de que trato, a guerra do Paraguay não duraria tanto tempo. Já vê o *Sentinella* que o enganarão; que o Sr. Commendador Carneiro não era simples-

mente um escrevente do seu intimo amigo Coronel Braga, era mais e muito mais e se o fosse, isso o honraria muito.

Quando se tratou do primeiro recenseamento, (em 1871) nomeou o governo uma commissão de cinco membros em cada municipio. Em Guimarães era a commissão composta do Rvd. vigario, que era o presidente, Dr. Agostinho Moreira Guerra Junior, Tenente-Coronel José Coelho de Sousa Junior, Tenente-Coronel Joaquim Raimundo da Cunha e Major Francisco Coelho de Sousa. Esta commissão encarregou o Sr. Commendador Carneiro de toda a escripturação e de nomear e instruir os agentes recenseadores, o que feito retirou-se para a sua fazenda Rio Formoso, no municipio de Cururupú. Ali, estou bem informado, a commissão repartiu entre seus membros o territorio para cada um designar os seus agentes.

O vigario d'então padre Manoel Altino do Nascimento, já fallecido, que era o presidente, encarregou o Sr. Commendador do trabalho que lhe pertencia e, sendo por elle aceito o encargo, deu começo ao serviço sem que se tivesse designado agentes, percorrendo só todo o territorio, em distancia de muitas leguas, habitado de casas dispersas, tomando notas e enchendo listas de familia, isto com prejuizo de seus affazeres e de sua saude, pois se recolheu atacado de febres, que o prostraram por muitos dias e mesmo doente fez no seu quarto a apuração das listas, ajudado pelo Sr. Raimundo Carneiro da Silva, muito novo ainda, mas que se recorda do trabalho insano do Sr. Commendador: confeccionou os competentes mappas e remetteu tudo a quem competia. Achava-se ainda doente quando a commissão de Guimarães se reunio para receber dos agentes recenseadores as listas de familia, fazer a competente apuração e confeccionar mappas, relatorios, etc., etc. E perguntando todos:

Que é do Carneiro? Responderão-lhes que estava doente. Pois então, disserão todos, escrevão-lhe e peção-lhe que logo que fique bom, nos avise do dia em que poderá achar-se aqui na villa; porque sem elle nada podemos fazer. O Sr. Commendador ainda em conva-

lescença de uma febre de muitos dias, fez o aviso, montou a cavallo e fez uma viagem de 10 leguas.

Em Guimarães reuniu-se á commissão e tendo recebido dos agentes recenseadores todas as listas de familia procederão todos a apuração, findo o que se retirarão os membros da commissão encarregando o Sr. Commendador de confeccionar mappas, relatorio, etc., etc.; e pedindo-lhe que quando tudo estivesse prompto os mandasse avisar, marcando dia e hora para assignarem. Deu principio ao trabalho e mesmo convalescente proseguia com affinco, o que preseneiou o referido vi-gario porque, sempre que voltava da igreja, entrava no quarto, onde elle escrevía e se admirava do trabalho. E assim se concluiu tudo. Já vê o *Sentinella* que os serviços do Sr. Commendador Carneiro forão muito superiores aos dos agentes recenseadores muitos dos quaes erão quasi analphabetos. Convem notar que de todos esses serviços nunca o Sr. Commendador recebeu retribuição alguma pecuniaria

E não foi por esses serviços, mas por outros de mais transcendencia e que estão no dominio publico que o Exm Sr. Commendador José Lopes Carneiro foi condecorado com a Commenda da Rosa, e não ainda porque pôz o nome de *João Henrique* a um euterzinho seu. Isso é simplesmente irrisorio. Creio até que o dr. João Henrique já tinha morrido quando se deu o nome d'elle ao barquinho, e deo-o porque sympathisou com o nome: naturalmente pelo mesmo motivo se mudou o nome de *Cotita* para *Prudente*. Que diabo pôde esperar o Sr. Commendador do Prudente de Moraes? Isso prova que elle não é adulator; que é Prudentista e nada mais.

Desenganem-se os despeitados, invejosos, os malévolos, o Exmo Sr. Commendador Carneiro tem o seu credito firmado e nada haverá que lh'o abale. E concluindo: em todo o Estado, todos sabem que elle é um cavalheiro meritorio, de fino trato e extremamente humanitario e generoso. Esta é a verdade e eu desafio a quem com provas o conteste.

*Felinto Elisio dos Reis.*

31—5—98.

## GUMARÃES

Sr. Redactor.—Na edicção deste jornal, de 10 de Junho ultimo, sob a epigraphie que encima estas linhas, vem publicada uma tão «extensa» quanto «massuda» correspondencia, assignada pelo Sr. Felinto Elisio dos Reis, desta villa, encomiando o Sr. José Lopes Carneiro, official da Rosa. Deu causa a essa correspondencia a noticia dada pelo *Sentinella*, relativamente ao retrato e biographia daquelle Sr.

Nada mais diriamos, sobre esse assumpto já tão fastidiosamente descuido, maxime, depois da resposta que demos ao Sr. Cidadão Portuguez Leonardo Antonio Gomes, e publicada no n. 128 deste mesmo jornal, se não fosse o respeito que tributamos ao publico, para quem unicamente escrevemos, e á quem pedimos desculpa da demora nesta resposta, demora á que fomos obrigados por motivos independentes de nossa vontade, mas que aqui não vem ao caso mencionar.

O estylo é o homem, assim como pelo dedo se conhece o gigante!

Partindo, pois, deste principio podemos garantir, sem medo de errar, que a correspondencia, que motivou esta resposta só tem do signatario a responsabilidade, sendo que o autographo está escripto do proprio punho do encomiado!

E diz o Sr. Felinto que o Sr. Carneiro «não gosta de gente adulatora, que detesta a adulação, que inquerindo o Sr. Carneiro, na occasiao em que lia as noticias do *Sentinella* se elle não as desmentia, tivera resposta negativa, declarando que as despresava, etc., etc.!»

Não sabemos o que mais admirar; isto é, se a fraqueza do signatario ou a falta de escrupulo de quem lhe pediu um tal sacrificio!

Dizemos fraqueza, porque temos plena certeza de que o Sr. Felinto assignando sua correspondencia, fel-o forçado pela posição precaria e infeliz que representa perante o encomiado, «de quem tem recebido favores que só um bom pae pode prodigalisar a um filho.»

Ora, em face de tão formal declaração, nenhum ou-

tro procedimento deveria ter o Sr. Felinto se não acce-  
der ao pedido de tal protector ou antes dê tão «bom  
pae».

Dito isto, releve-nos o publico, afastarmo-nos um  
pouco do assumpto para descer a seguinte explicação:  
na occasião em que liamos o jornal cahio-nos este aos  
pés, não por fraqueza, mas pelo pezar que causou-nos  
a leitura desse escripto, cuja responsabilidade assumi-  
ra, forçadamente, um amigo nosso, unicamente para sa-  
tisfazer a vaidade daquelle de quem infelizmente de-  
pende.

O Sr. Felinto, no escripto que assignou, fazendo o  
panegyrico do seu encomiado taxa, de inveridica, male-  
vola, maldisente, invejosa etc. etc. a noticia dada pelo  
*Sentinella*. Dando o *Sentinella* taes noticias nada mais  
fez do que reproduzir o que ouvira a outras pessoas  
aliás auctorizadas.

O Sr. Felinto, entretanto, no afan de encomiar o  
seu protector, não cogitou dos meios para chegar aos  
fins !

Se mais mundo houvera là chegara !!

Não lhe contestamos o gosto, ou antes o dever de  
defender a seu «bom pae», contestamos porém, o di-  
reito de poder esquecer-se dos deveres de civilidade e  
da amisade, para atirar-se tão disapiudadamente contra  
o *Sentinella*, aquelle de quem só tem recebido provas  
de estima e consideração, e quiçá mesmo antes dos fa-  
vores prodigalisados pelo Sr. Carneiro.

Acoima o Sr. Felinto, de «invejosos, desvairados, e  
calumniadores» os que incorreram em seu desagrado  
por se terem occupado do nome do seu «bom pae.»

Mas, porque inveja ?

Da fortuna alheia ?

Não, certamente, não.

O *Sentinella* tambem, Sr. Felinto, até hoje tem vi-  
vido do suor do seu rosto. embora pobre tem a consci-  
encia tranquila de nunca haver concorrido para preju-  
dicar a quem quer que seja e muito menos de haver  
feito derramar lagrimas.

Feitas essas considerações passaremos ao assumpto.

O Sr. Reis, relatando o que se passou entre si e o

Sr. Carneiro na occasião em que lia a correspondencia a que acima nos referimos e que deu lugar a que elle tão «expontaneamente se offerecesse para respondel-a», assim se exprime: «Olhe Felinto o anno passado eu trouxe da cidade «A Mala da Europa» que trazia o retrato do Senador Benedicto Leite e presenteando com um d'elles a uma pessoa altamente collocada, essa pessoa, disse: Ora se eu me dispuzesse a dar dinheiro o meu retrato tambem viria nesse jornal !!!

Ha ver que os malevolos, os maldizentes hão de dizer tambem que eu comprei o que se publicou a meu respeito.

O *Sentinella* Sr. Felinto, como já teve occasião de manifestar-se a respeito do Sr. Carneiro, nada tem que ver com as vaidades deste, importando-se pouco que elle fosse ou que ainda seja o unico homem grande desta comarca onde só elle era intelligente, cuja vontade fora sempre cegamente obedecida; que nada aqui se fizesse sem sua aprovação e assentimento etc. etc.

Taxando, como fez, S. S. de «malevolos, maldizentes, despeitados, invejosos e desvairados» aquelles que incorreram no seu desagrado, deu-nos logar ás seguintes perguntas:

Não será malevolo, maldizente, despeitado e desvairado aquelle que na capital como guarda livros de uma casa respeitavel expoz o seu patrão a uma fallencia inevitavel por denuncia de seu estado financeiro ?

Não será malevolo, maldizente, despeitado e desvairado aquelle que, obrigado a viver da caridade de uma familia em Cururupú á mesa da qual se alimentou annos e cuja caridade retribuiu com a mais negra ingratidão, atropiando o coração do seu protector até dar-lhe a morte ?

Não será malevolo, maldizente, despeitado e desvairado aquelle que por vezes fez outra familia não menos respeitavel desta villa experimentar o seu veneno mortifero ?

Não será malevolo, despeitado e desvairado aquelle que casado com uma senhora respeitavel que lhe deu alguma posição montou uma fazenda de lavoura com

auxilio daquelles a quem tinha por vezes mordido a mão bemfazeja ?

Não será malevolo, maldizente, despeitado e desvairado aquelle que por esteril vendera a mencionada fazenda a um comprador que se deixou seduzir pela melodia do vendedor e fez a compra em condições taes que pouco tempo depois tinha perdido a rasão, deixando a viuva e filhos no meio de um campo esteril ?

Não será malevolo, maldizente, despeitado e desvairado quem usando de artimanhas conseguiu a compra de certa fazenda, cujo proprietario honrado e doente, vendo o logro em que tinha cahido, principiou, após a conclusão do negocio, a pensar de tal forma que complicando-se a molestia e transtornando-se-lhe a razão, um anno depois despedia-se da vida exclamando nos momentos lucidos: Ah ! Cabrion, tiraste-me o resto da vida como principal arrimo de meus filhos ! ?

Não será malevolo, maldizente, despeitado e desvairado aquelle que concorreu directamente para que uma respeitavel senhora, infeliz viuva daquella sua victima lutasse com um desespero de mãe estremosa para que seus filhos não ficassem sem arrimo e sem pão ?

Não será malevolo, maldizente, despeitado e desvairado o algôz que em 1880 concorreu para que aquella virtuosa senhora ficasse com os productos de sua lavoura no armazem, onde os perdeu, negando-lhe praça á bordo de seu barco ! ?

Não será malevolo, maldizente, despeitado e desvairado aquelle que expulsou de casa sua cunhada cujos bens tinha desfructado, empregando o dinheiro desta na compra de um escravo, compra que effectuou em seu nome e foi de sua propriedade até a data da extincção da escravatura ?

Não será malevolo, maldizente, despeitado e desvairado aquelle homem que assim tratando sua cunhada, obrigou-a a separar-se de sua idolatrada irmã, indo morrer coberta de desgostos em companhia de pessoas estranhas ?

Não será malevolo, maldizente, despeitado e desvairado aquelle que impondo á sua virtuosa senhora, vida isolada e de martyrios, tem abandonado-a no in-

terior, por mais de uma vez, para viver incestuosamente na capital com certa comica vindo-lhe d'ahi o nome de commendador Ursulino ?

Não será malevolo, maldizente, despeitado e desvairado quem pelo seu fino trato attrahio um bom e innocente velho de quem bifou de trez a quatro contos de réis, o qual, por isso perdeu a razão e depois a vida ?

Ouvio fallar do par de esporas de prata que, segundo consta, foi tirado do quarto do moribundo ?

Não ouvio fallar da delicadeza com que certo figurão segundo dizem apoderou-se de quinhentos mil réis, peculio de um pobre escravo no tempo da escravidão ?

Não ouvio tambem fallar daquelle outro escravo que a esse mesmo figurão entregou o seu peculio de tresentos mil réis para resgate de sua liberdade, com a condição de prestar-lhe trez annos de serviços e que durante cinco ou seis permaneceu no captiveiro e foi afinal desenganado que jamais seria liberto ?

Ora, Sr. Felinto, diga-nos uma cousa, não lhe parece que malevolos, maldizentes, despeitados e desvairados devem ser aquelles que forem capazes de praticar ou que tenham praticado actos iguaes aos que ficam enumerados ?

Voltaremos ao assumpto se as circumstancias a isso nos obrigarem, indo então beber em novas fontes para d'est'arte sermos mais claros com os leitores a quem pedimos desculpa da prolixidade deste escripto.

Julho, 7 de 1898.

*O Sentinella.*

---

Da *Pacotilha* de 10 de Agosto.

**GUIMARÃES**

Acabo de ler na edição da «Pacotilha» de 2 do corrente, um artigo assignado—*O Sentinella*—a quem não

contesto o gosto de deprimir a quem não lhe offende; mas contesto o direito de tratar me d'incivil e ingrato. Não sei quem é esse *amigo* que vem do alto da imprensa allugar as *considerações e amisade que me tem prodigalisado*, mas posso garantir que se assim é, eu lhe devo ter retri uido na mesma especie, porque presumo de não ser ingrato. Foi por este mesmo principio que na edição da *Pacotilha* de 10 de Junho fiz publicar um artigo em que punha em evidencia os serviços prestados á causa publica pelo Sr. Commendador Carneiro, de quem tenho recebido as mais inequivocas provas d'estima e muitos favores.

Eu seria ingrato si sabendo dos serviços e actos de generosidade d'um homem que me protege, não os apontasse quando um anonymo, só pelo gosto d'expol-o a irrisão, os contesta. E como procedi? Indicando com precisão os seus referidos serviços, appellando para testemunhas e assignando-me para que o *Sentinella*, se entendesse que devia trazer em discussão permanente a vida do meu amigo, procedesse da mesma forma; isto é, contestando-me com a assignatura do seu verdadeiro nome. Em vez, porém, d'uma resposta decente e seriá, volta sob o anonymato, não já para contestar os serviços do Sr. Commendador Carneiro apontados pela *Mala da Europa* e por mim; mas para insultar-me tambem!

O artigo publicado sob minha assignatura é meu, escripto do meu proprio punho, e tanto é que auctorisso a redacção da *Pacotilha* a mostrar a quem quizer vel o. Outro tanto não pode dizer o—*Sentinella*—porque eu garanto, sem medo de errar, que o artigo publicado na *Pacotilha* de 2, só tem de seu a responsabilidade, se é que responsabilidade pode ter quem, para deprimir e calumniar, escuda-se *no consta e no anonymo*.

«O estylo é o homem; assim como pelo dedo se conhece o gigante!» Compare-se pois a redacção da primeira noticia que deu o—*Sentinella*—a respeito da biographia do Sr. Commendador Carneiro, com a do artigo a que m'estou referindo e ver-se-ha quão diferente é! Naquelle limita-se o—*Sentinella*—a con-

testar os serviços do Sr. Commendador e neste vai desde o mais covarde insulto até a vida privada, ainda que não individualise o autor das infâmias a que allude!

Não! Essa linguagem insultuosa não pode ser do *Sentinella* que é um bom amigo, homem franco, d'alma generosa, civilisado e que algures já teceu os mais justos e elevados elogios ao Sr. Commendador.

Não! Não é do *Sentinella*! E' precisamente do autor d'uma carta anonyma, ha tempos dirigida ao Sr. Commendador na qual se lhe fazia a ameaça de reproduzir uns insultos que ha mais de 10 annos lhe foram feitos por um individuo de appellido *Freitas* a quem a victima tentou processar, fazendo seguir deprecada no seu incalço, quando fugia, não podendo ser citado por *não ter residencia certa*!

E esses insultos ali estão reproduzidos com pequeno augmento! Eis a rasão porque creiò que o artigo é da lavra do autor da carta que alem de tudo, é meu inimigo e do Sr. Commendador.

Quando no meu artigo tratei de malevolo, maldizente, etc. não me referi ao *Sentinella*, porque elle, em sua noticia, nada affirmava de seu, mas sim dizia que baseava-se em informações que lhe deram; logo não o offendi.

Não sei quem é o individuo e nem tenho noticia dos actos infames a que allude o *Sentinella* e acho que seria muito mais nobre e digno d'um homem civilisado, apontal-o para que todos fujão d'ente tão pernicioso que tantas mortes tem causado e muitas lagrimas feito jerramar!

Queira Sr. Redactor, dar publicidade a estas linhas pelas quaes me responsabiliso na forma da Lei.

*Felinto Elisio dos Reis.*

8—10—98.

Do mesmo jornal da mesma data.

## GUIMARÃES

AO PUBLICO

Na *Pacotilha* de 2 do corrente um anonymo—*Sentinella*—publica um amontoado de diatribes envolvidas com o meu nome.

Espero que o autor dessa publicação, si não é um infame calumniador, declare, sob sua assignatura, si são esses ataques dirigidos a minha pessoa, afim de ter cabal resposta

Maranhão, 10 de Agosto de 1898.

*José Lopes Carneiro.*

Da redacção do jornal *Federalista* de 11 de Agosto de 1898.

## GUIMARÃES

Sob esta epigrapha publicamos hontem e hoje, nas solicitadas, um energico artigo do nosso distincto amigo Commendador Lopes Carneiro, que injustamente tem sido atacado nas columnas da *Pacotilha* por um senhor *Sentiuella*, que dominado pelo odio, sinão tambem pelo despeito, tem atacado sua honra.

Quem conhece de perto o Commendador Carneiro reconhecerá facilmente que tem rasão de sobra para se mostrar tão indignado contra aquelle cidadão, que tem sido demasiadamente injusto.

Realmente, nada pode ser mais doloroso do que lançar-se a bilis da difamação contra as reputações illibadas.

Ninguem, salvo quem tiver a rasão desviada por uma paixão qualquer, nega ao Commendador Carneiro, as melhores qualidades de cidadão e de pai de familia,

e si tem galgado posição no seio da sociedade maranhense, que é bastante escrupulosa em elevar seus proprios filhos, procurando rigorosamente seleccional-os, isto elle o deve aos bons predicados de que é dotado.

Confiamos que o publico não preste a menor attenção ao artigo do Sr. *Sentinella*, como confiamos tambem que este de ora em diante modifique seu juizo.

---

Da redacção do jornal *Diario do Maranhão* de 15 de Agosto de 1898.

«Em visita de felicitações á Exma. Sra. D. Mariana Carneiro, presada filha do Exm. Sr. Commendador Deputado José Lopes Carneiro, seguiram hoje para a Jordôa, onde elles estão, diversas Senhoras e Cavalheiros, entre estes muitos dos mais altos funcionarios do Estado, que se juntam aos prazeres do lar abraçando o seu chefe, digna esposa e felicitando sua sympathica filha.»

---

Da redacção do mesmo jornal de 16 do mesmo mez. «Delicado e profuso *lunch* foi hontem offerecido pelo Sr. Commendador José Lopes Carneiro ás Exmas. Familias e Cavalheiros, que foram á casa de sua actual residencia na Jor-lôa, felicitar sua Exma. filha e pais pelo dia de intima satisfação qual o do anniversario de sua prezada filha.

Tocou durante o *lunch* a banda de musica do Estado.

Foi pelo Sr. Custodio Belehior saudado o Sr. Commendador Carneiro, em um brinde especial, correspondido com enthusiasmo.»

---

Da redacção do jornal *Federalista* de 6 de Agosto de 1898.

«Hontem, pelas 3 horas da tarde, pouco mais ou menos, o nosso distincto e prezado amigo Commenda-

dor Lopes Carneiro foi alvo de uma sincera e cordial manifestação de seus amigos pelo feliz anniversario natalicio de sua dilecta filha, a gentil senhorita Dona Marianna Carneiro que se acha em tratamento em um sitio contiguo á fabrica de Phosphoros ao Caminho Grande.

Pelas 2 horas da tarde partiu da Estação um trem especial, conduzindo distinctos cavalheiros e senhoras da nossa sociedade, precedidos da banda de musica do corpo de Infantaria do Estado.

Faziam parte da brilhante comitiva os Exmos. Dr. Governador do Estado, Dezembargador Machado, Juizes de Direito Drs. Vinhaes e Costa Basto, congressistas estaduaes Dr. José Marques e Custodio Belchior e Coronel Bernardo Marques Vieira, Capitão Joaquim Basto, o Sr. Arthur Lima, o distincto commerciante José Custodio da Silva Guimarães e outros cavalheiros illustres.

Apenas parou o trem no sitio indicado, o Commendador Carneiro, que ali se achava, recebeu, com aquella affabilidade e cavalheirismo que lhe são peculiares, as pessoas que iam cumprimental-o e convidou-as a entrar.

Por occasião dos cumprimentos do estylo e felicitações ao Commendador Carneiro e a sua Exma. Familia, por parte dos manifestantes, a banda de musica fazia-se ouvir, executando uma marcha brilhante.

Após aquelles cumprimentos, espalhou-se uma conversa geral e amistosa entre os cavalheiros e senhoras presentes, sendo muitas vezes interrompida pelos sons harmoniosos de uma walsa, ou shottisch que convidavam á dançar, e por um activo criado que estava incumbido de servir aos manifestantes excellente cerveja e finos licores.

Pelas 4 horas, pouco mais ou menos, o Sr. Commendador Lopes Carneiro, convidou os manifestantes a entrar para a varanda, onde via-se preparada uma sumptuosa mesa.

Nada ali faltava.

Fiambre, perù, differentes iguarias, tortas de diversas qualidades, pasteis de camarão e carne, excellente queixo, fructas nacionaes e estrangeiras, vinhos

finos e de varias qualidades, pudins, pães de ló, excellente capella e outros doces de differentes qualidades; tudo emfim que podia desafiar o appetite mais remisso!

Ao *dessert*, trocaram-se diversos e importantes brindes: á saber—do Dezembargador Machado ao Commendador Carneiro e á sua dilecta filha; do Sr. Belchior ao mesmo Sr. Commendador; do Dr. Vinhaes ás Exmas. Sras. presentes; do mesmo Dr. Vinhaes ao Dezembargador Machado sendo secundado pelo Dr. Costa Basto; do Governador do Estado ao Sr. Commendador Carneiro e sua Exma. Familia; do Dr. Costa Basto ao Governador do Estado; do mesmo Dr. Costa Basta ao Dr. Vinhaes, que agradecendo o brinde, brindou por sua vez ao Dr. Costa Basto e ás pessoas que lhe eram caras; do Dr. Eliezar Tavares ao Commendador Carneiro; finalizando pelo brinde de honra levantado pelo Dr. José Marques á familia brazileira, especialmente a familia maranhense, representada pelas Exmas. Senhoras que ali se achavam.

Todos estes brindes foram alegremente correspondidos e entusiasticamente festejados, executando a banda escolhidas peças de seu repertorio.

Levantada a primeira mesa, seguiu-se-lhe outra e após esta uma terceira, achando-se presente a todas ellas o Sr. Commendador Carneiro, que procurava satisfazer com todo o prazer e cordialidade ao menor desejo dos manifestantes.

Seguiu-se a este opiparo jantar o excellente café que, se não era realmente de Moka, parecia sel-o, o invejavel sorvete de maracujá, e ainda a espumante cerveja Rio-Braw, Pilsner, etc.

Pelas 5 horas da tarde, chegou ao sitio outro trem especial, que devia conduzir os manifestantes á Estação; e estes procuraram despedir-se, agradecendo ao Sr. Commendador Carneiro e á sua Exma. Familia as maneiras delicadas e attenciosas com que foram recebidos e tratados. O Sr. Commendador Carneiro, extremamente commovido, mostrou-se muito penhorado pelas provas de amizade e consideração recebidas. Pelas 6 horas da tarde, pouco mais ou menos, partiu o trem

chegando com pouca demora á Estação onde já encontraram os manifestantes um bond especial que os conduzio á cidade.

E assim finalisou uma festa familiar que nos deixou bastantes saudades, pois tambem fizemos parte d'ella e fomos testemunha ocular do prazer, e da alegria que ali reinaram, quer da parte do Sr. Commendador Carneiro e sua Exma. Familia, quer da parte dos manifestantes.

Dos jornaes diarios *Pacotilha*, *Regeneração*, *Federalista* e *Diario do Maranhão* de 23 de Dezembro de 1898.

### AO PUBLICO

Deve lembrar-se o publico maranhense que nos jornaes diarios d'esta capital, de 10 de Agosto do corrente anno, fiz publicar um pequeno artigo, reptando o autor de uns pasquins, publicados antes d'aquelle data na *Pacotilha*, sob o pseudonymo *Sentinella*, para declarar, sob sua propria assignatura, se as injurias e calumnias ali estampadãs eram dirigidas a minha humilde pessoa, sob pena de, se o não fizesse, ser considerado um ente depravado, cynico, infame calumniador e sicario da honra alheia sem responsabilidade moral.

Pois bem, aquelle individuo que, sob a capa miseravel do anonymo; desceu tanto á nivelar-se com os salteadores de estradas, que traiçoeiramente atacam o incauto viandante, deixou de acudir ao repto de honra que lhe atirei, conservando-se até hoje em silencio.

São passados mais de quatro mezes, e, durante esse espaço de tempo, tem faltado ao miseravel pasquineiro a precisa coragem para, de viseira erguida e com a franqueza que deve caracterisar o verdadeiro homem de bem, fazer a declaração por mim exigida, tendo por consequente accéitado os qualificativos que lhe dispensei, e dado a entender tacitamente, com semelhante recusa, que seus insultos vis e calumniosos visavam unicamente a minha personalidade.

Tendo, portanto, perdido essa esperanza, em vista

do tempo decorrido, corre-me o dever de não deixar pairar sobre o espirito dos que não me conhecem a mais leve suspeita deponente dos actos de minha vida privada e publica.

Occupo, felizmente, na sociedade uma posição que conquistei com toda a honradez e que desejo conservar illesa de toda e qualquer macula; e para esse fim tenho empregado os esforços compatíveis com a dignidade do homem que tem o dever de saber prezar-se.

Não é elogio que faço a minha pessoa: digo puramente a verdade.

Assim, entendi mais acertado e conveniente fazer do publico sensato e moralizado meu severo juiz, publicando, com a maior brevidade possível, em opusculos, uma defesa cabal de todos os meus actos, quer como homem social, quer como politico, quer como pae de familia, quer finalmente como cidadão, e então ver-se-ha que não me podem attingir de modo algum as calumnias e infamias publicadas pelo *Sentinella*, pseudonymo esse que occulta necessariamente algum ente desbriado, cuja vida seja talvez uma serie successiva de factos degradantes, se não criminosos.

Para o homem honesto e criterioso o anonymo é um ente desprezível que, semelhante á vibora peçonhenta, morde sem responsabilidade e, unicamente, por instinto malefico, e portanto não deve merecer credito algum; assim tambem não pode ser crido aquelle que, sem ter base solida para asseverar convincentemente qualquer facto, mente, inventa ou adultera, soccorrendo-se dos termos irresponsaveis—*consta*,—*diz-se*—e outros do mesmo jaez.

A defesa que pretendo sujeitar á apreciação do publico, e na qual usarei d'aquella franquesa que me é peculiar e de que me orgulho, mira um fim duplo.

Se, por um lado, faço uma resenha sincera de meus actos publicos e privados, para que sejam julgados com criterio e imparcialidade, por outro procurarei conservar esse documento como um escudo contra o qual quebrar-se-hão as setas farpadas dos perversos e maldizentes que, d'ora em diante, entendam occupar-se de minha humilde individualidade.

Quero no futuro uma egide que me ponha á coberto dos juizos erroneos e desapiedada critica dos que não me conheceram de perto.

Tenho plena e illimitada confiança no soberano e implacavel juiz que, em breve, tem de julgar a minha defesa—«a opinião publica».

Maranhão, 23 de Dezembro de 1833.

*José Lopes Carneiro.*

---

São estes os diversos artigos publicados com referencia á minha pessoa, tornando-se entre elles assáz importante o que traz a noticia dada pelo jornal *Federalista* de 16 de agosto do corrente anno e *Diario do Maranhão*, de 15 e 16 do mesmo mez sobre a reunião de distinctos cavalheiros e amigos dedicados que tiveram a gentileza de ir pessoalmente felicitar-me e a minha familia pelo anniversario natalicio de minha preadissima filha Mariana d'Assumpção Lopes Carneiro no dia antecedente.

Foi para mim, de certo, uma manifestação bastante honrosa, não só porque me vi, n'essa festa intima, rodeado de pessoas altamente collocadas na sociedade e que não se pouparam ao incommodo de dirigir-se á uma chacara onde temporariamente residia, patenteando d'esse modo a estima e consideração de que era alvo e que bondosamente me dispensavam, como porque a presença d'aquelles dignos e illustres cavalheiros em occasião tão solemne, era para mim sobejo motivo de cordial jubilo e legitimo orgulho, pois exprimia inconcussamente a franca e leal desapprovação ao procedimento calumnioso e miseravel do individuo que, treze dias antes, se soccorrera do anonymo para, pela imprensa, ferir-me covarde e traiçoeiramente n'aquillo que tenho de mais precioso, a minha dignidade e reputação de homem de bem.

Vingança mesquinha e desprezível !

E, mais que tudo, baldado esforço !

Quizera que aquelle espirito vil e tacanho que, fu-

gindo á luz da verdade, e á evidencia dos factos, se emboscára sob o manto hypocrita da mentira calumniosa, presenciasse os discursos proferidos n'essa occasião por varios cavalheiros de reconhecida probidade e posição invejavel, porque, com certesa, havia de corar, se ainda pudesse fazel-o, e ver-se-hia obrigado a curvar a cerviz, inteiramente envergonhado e talvez arrependido do misero papel que, poucos dias antes, vinha de representar.

Aquella manifestação franca, leal e desinteressada, alem de importar um solemne desmentido ás tórpes invectivas do *Sentinella*, veio robustecer mais á minha fé, porquanto fiquei inteiramente convicto de que os homens honestos, que compõem a parte mais san da sociedade, faziam-me a devida justiça.

Deixando á seria e reflectida apreciação do publico os demais artigos para aqui transcriptos, passarei a fazer uma exposição clara e real dos actos de minha vida, acompanhando-a de certas e indispensaveis considerações á respeito, e finalisarei mostrando que meus injustos e gratuitos detractores, quem quer que elles sejam, não estão na altura de hombraear com os homens de bem, como inculcam.

Não deixarei comtudo o meu posto de honra, não só porque a minha dignidade repelle as represalias, como porque nivelar-me com taes entes seria envilecer-me mais que ellos.

Se tal procedimento lhes traz alguma gloria, eu não a invejo.

---

Oriundo do reino de Portugal, onde vi bruxolear a aurora de minha existencia, apenas cheguei á idade da rasão, vim, ainda bem moço, para este Estado, então Provincia, no anno de 1852, recommendado á casa commercial do Illm. Sr. Luiz da Serra Pinto, de saudosa memoria.

Quando aportei á esta capital, reinava então a terrivel epidemia da febre amarella que, apezar de achar-se em seu declinio, continuava comtudo a ceifar algu-

mas vidas, atacando de preferencia os estrangeiros, o que obrigou o illustre cavalheiro que me acolheu em virtude d'aquella recommendação a fazer-me seguir sem detença para a cidade de Caxias, recommendando-me por sua vèz ao Illm. Sr. João Pedro dos Santos, já fallecido, então chefe de um importante estabelecimento commercial d'aquella praça.

Ali me demorei alguns mezes e, durante esse curto espaço de tempo, dispensou-me aquelle digno commerciante as maiores attentões possiveis, alem de sua estima apreciavel, até que, tendo desaparecido de todo aquella epidemia, regressei a esta capital onde, pouco tempo depois de minha chegada, tive a felicidade de empregar-me na casa commercial do honrado Sr. Luiz Antonio Corrêa de Britto Telles, tambem de saudosa memoria, exercendo ali as funcções de caixeiro do armazem e ajudante de guarda-livros.

Algum tempo depois de achar-me no exercicio d'aquelles empregos, o activo e intelligente negociante, o Sr. Lazaro Moreira de Sousa, cuja memoria ha de sempre ser lembrada com saudade, tencionando ir á Europa tratar de sua saude alterada por soffrimentos phisicos e tendo pleno conhecimento de meu bom comportamento e aptidão para a vida commercial, convidou-me a apparecer em seu estabelecimento e ahi disse-me com toda a franquesa que precisava de uma pessoa habilitada para incumbir-se da escripta de sua casa e tomar a direcção de seu escriptorio, e como me julgava capaz de desempenhar bem e fielmente aquella commissão, pediu-me que accitasse o encargo, duplicando o ordenado que então percebia na casa commercial do Sr. Britto Telles.

Novel ainda, desejando adiantar-me na vida a que me dedicára, accitei o convite, tendo previamente comunicado o facto ao mesmo Sr. Britto Telles, em cuja casa era tratado mais como filho do que como caixeiro.

E, de feito, passei desde então a exercer o cargo de guarda-livros da importante casa do Sr. Lazaro Sousa, prestando-lhe ao mesmo tempo o meu auxilio na gerencia de todos os seus negocios.

N'esta occupação era meu companheiro de trabalho

o meu especial amigo o Sr. Miguel Ignacio Parga Ewer-ton, moço habil, que, felizmente, ainda vive e pode confirmar com sua palavra honrada o que venho de di-zer.

D'entro de poucos dias embarcou o meu novo pa-trão para Portugal, e um anno depois de sua estada alli, pouco mais ou menos, falleceu n'esta capital, victi-ma de terrivel molestia de peito, o Sr. João Carneiro da Cunha Junior, intelligente guarda-livros do Sr Britto Telles, então meu padrinho do chrysm e amigo sincero, que, em virtude de tal occurrencia inesperada, convidou-me á voltar de novo á sua casa á fim de subs-tituir o finado n'aquelle emprego e com melhor van-tagem pecuniaria.

Como, porem, estivesse empregado no estabeleci-mento commercial do Sr. Lazaro Sousa e não me ficasse bem desamparar, em sua ausencia, o cargo que alli exercia á seu contento e com todo o zelo e circunspec-ção, tomei a deliberação de responder á aquelle meu padrinho e amigo que não punha duvida alguma em annuir ao seu convite, mas só podel-o-lia fazer depois que meu patrão voltasse da Europa.

Não satisfeito o Sr. Britto Telles com esta minha resposta, aliás justa, fez-me ainda observar que simi-lhante demora vinha prejudicar a escripta de sua casa, atrasando-a; á vista do que tomei a deliberação de en-carregar-me d'ella sem prejuizo da de meu patrão: e, d'esde então e de inteiro accôrdo com o Sr. Paulo Car-doso da Fonseca, que era o prinelpal gerente da casa do Sr. Lazaro Sousa, tomei á meu cargo aquella escrip-ta, para cujo fim dirigia-me todos os dias, depois do jantar, ao estabelecimento do Sr. Britto Telles, e escre-va muitas vezes até a meia noite para satisfazer o meu compromisso; e, para não faltar aos meus deveres na casa onde era empregado, vi-me muitas vezes obriga-do a escrever de madrugada e ainda com luz, princi-palmente quando chegava n'este porto, vindo do Ca-mocim, onde, assim como na Granja e Viçosa, a casa tinha grande numero de correspondentes, um cáter denominado «Mundahú».

Era um trabalho insano e superior ás minhas forças.

Na impossibilidade absoluta de exercer simultaneamente aquelles dois cargos, pois vivia em uma continua lida, quer de dia quer de noite, sem um momento quasi para descanso, conheci que estava sendo prejudicado em minha saude e ameaçado de soffrimento do peito; mas, apesar de tudo, continuei a prestar os meus serviços em ambas as casas até que, regressando da Europa o Sr. Lazaro Souza, meu patrão, fiz sentir a este que, sendo o trabalho á meu cargo assáz pesado, não me era possivel continuar a supportal-o sem grave detrimento de minha saude, e que, portanto, o prevenia que, sem demora, procurasse quem me substituisse, porquanto estava resolvido a voltar para a casa do Sr. Britto Telles.

Conheci perfeitamente que esta minha resolução não agradou á meu patrão, o Sr. Lazaro Souza, em vista das difficuldades com que tinha de lutar para encontrar quem me substituisse; tanto assim que, passado algum tempo, tendo o Sr. Lazaro Souza perdido a esperança de achar um guarda-livros, desarranjado, que lhe agradasse disse-me:

*O Sr. melhor que eu, sabe do que preciso e, portanto, o auctorisso a procurar e tratar quem esteja no caso de occupar o seu logar, e tudo o que n'esse sentido fizer e obrar terá a minha inteira approvação.*

Em face de uma auctorisação tão franca que, felizmente, chegou ao conhecimento do guarda-livros dos Srs. Silva Oliveira, de nome Cizinando Tavares, fui procurado por aquelle Sr. que, offerecendo-me os seus serviços, foi por mim apresentado para exercer o cargo e acceito pelo Sr. Lazaro Souza.

Cabe-me aqui dizer que ainda conservo em meu poder uma carta que me dirigiu o Sr. Joaquim da Cunha Freire, hoje Barão de Ibiapaba, acreditado commerciante da praça da Fortaleza (Ceará), intimo amigo e correspondente d'aquelle meu patrao, na qual pedia que não me retirasse de sua casa pois affiancava-me que, em breve tempo, seria socio d'ella.

Este procedimento da parte do Sr. Freire, cuja amizade bastante me honrava, é mais que bastante para provar o meu bom comportamento e conducta irrepre-

hensível durante o tempo que estive empregado na casa commercial do Sr. Lazaro Souza, á cuja memoria serei sempre grato.

Retirando-me para a casa do Sr. Britto Telles, onde passei a exercer o cargo de guarda-livros em substituição ao fallecido João Carneiro da Cunha Junior, continuaram a aggravar-se os meus padecimentos phisicos de modo á vèr-me obrigado á emprehender uma viagem ao interior, á conselho medico, afim de restabelecer-me e ter um pouco de descanso.

Resolvi, portanto, retirar-me para o termo de Guimarães sendo recommendado pelo Sr. Britto Telles aos Srs. Coroneis José Coelho de Souza, Torquato Coelho de Souza e Antonio Joaquim Braga, com os quaes entretinha antigas relações de amisade.

Pela sua parte, o Sr. Lazaro Moreira de Souza, meu ex-patrão, dignou-se recommendar-me tambem ao Sr. Tenente Damaso de Azevedo e Silva, seu correspondente e amigo particular, fazendo-o com antecedencia á minha chegada alli, de modo tal que, ao desembarcar em Guimarães, fui recebido no porto pelo proprio Sr. Tenente Damaso, que convidou-me a acompanhá-lo á sua casa, onde fui tratado com toda a delicadeza e cortezia, proprias de um cavalheiro de fina tempera, durante 15 dias pouco mais ou menos, que ali me demorei.

N'este interim os Srs. Coroneis José e Torquato Coelho, tomando na devida consideração a recommendação feita pelo Sr. Britto Telles á meu respeito, não só mandaram offerecer-me suas casas, como tiveram tambem a fineza de me mandarem buscar, recebendo, mais tarde, identicos offerecimentos dos Srs. Coronel Antonio Joaquim Braga e seu digno e honrado genro, Capitão José Ribeiro da Cruz Sobrinho, de Cururupú.

Durante alguns mezes que tive a honra de ser hospede de tão nobres, quão illustres cavalheiros, recebi d'elles e de suas Exmas. Familias as provas as mais inequivocas de estima e amisade, que unicamente soem dispensar corações altamente generosos, e fui tão feliz n'esse convívio familiar que, ainda hoje, nutro com os

membros existentes d'essas familias as mais intimas e cordiaes relações.

Julgando-me, tempos depois, inteiramente restabelecido de meus soffrimentos, graças aos cuidados e desvelos empregados por essas honradas familias, às quaes serei eternamente grato, entendi conveniente regressar á esta capital á fim de reassumir o exercicio do meu emprego; e, de facto, o fiz, trasendo impressos n'alma os momentos preciosos que ali passei e a nobreza de sentimentos de meus generosos obsequiadores.

Reassumindo o serviço de que estava incumbido na casa do Sr. Britto Telles, trabalhei com tanto affineo que, em pouco tempo, puz em dia a escripta, que se achava atrasada em virtude de minha ausencia pelos motivos já expostos; porem jámais previra que semelhante esforço da minha parte, com o fim de recuperar o tempo perdido, dêsse causá ao reaparecimento de meus padecimentos.

Notando o meu honrado patrão, o Sr. Britto Telles, ser-me por demais pesado o cargo de guardalivros, em vista de minha fraca constituição e estado morbido, entendeu mais acertado tornar mais brando e suave aquelle encargo, auctorisando-me á admittir um auxiliar, por conta da casa, porem sob minha unica direcção.

Empreguei todos os esforços possiveis para encontrar um moço, cujas habilitações me agradassem e pudesse, de algum modo, dar me um pouco de descanso; mas, infelizmente, foram infructiferas as minhas pesquisas.

Não me sendo, portanto, possivel continuar a exercer o emprego, que me tinha sido confiado pelo Sr. Britto Telles em sua casa commercial, visto como as minhas forças se exauriam á pouco e pouco e a molestia progredia, ainda que á passos lentos, vi-me forçado a pedir dispensa do emprego.

Obtida esta, agradei, como era de meu dever, as innumeradas attentões que me prodigalisaram o Sr. Britto Telles e demais empregados da casa durante o tempo que ali estive empregado e voltei para a comarca

de Guimarães, fixando a minha residencia no termo de Cururupú.

Alli chegando, tive necessidade de procurar em que occupar-me para não ser pesado á sociedade, visto não dispôr de meios de fortuna; e, assim resolvi estabelecer-me com negocio no logar denominado «Rosario», em terras de propriedade do Sr. Coronel Antonio Joaquim Braga; depois de ter d'elle obtido a competente permissão.

Para levar a effeito aquelle meu intento contrahi uma sociedade commercial com o Sr. Capitão José Ribeiro da Cruz Sobrinho, genro do dito Coronel, e um dos mais nobres caracteres da comarca de Guimarães.

Firmada a sociedade, foi-me preciso vir á esta capital, onde, sob meu unico credito e responsabilidade, escolhi um bom sortimento de sêccos e molhados e o fiz transportar para aquelle logar.

Este facto da minha vida teve logar na epoca em que a guerra civil dos Estados-Unidos da America do Norte estava na sua maior intensidade; o que deu causa à fabulosa alta do preço do algodão, de cujo genero fiz avultadas compras e remessas; obtendo optimo resultado pecuniario para a sociedade na realisação das vendas.

Convem aqui notar que, apesar de não ter motivo algum de arrependimento da vida commercial, á que então me dedicára, porquanto corriam bem os negocios e a sociedade progredia, comtudo era mais propenso á vida agricola, e nutria esperanças de, mais tarde, dedicar-me á ella.

Tempôs depois, reflecti e comprehendi que na vida de solteiro ha uma certa monotonia que não agrada e que, a existencia sem affeições reaes e sinceras era difficil se não impossivel, de supportar-se; resolvi casar-me.

Tendo fallecido o Sr. Capitão Caetano Vicente de Souza Bastos, já depois de viuvo, deixando duas filhas entregues aos cuidados do Sr. Coronel José Coelho de Souza, este, tomando conta d'ellas e de seus poucos haveres, levou-as para sua companhia, satisfazendo assim a ultima vontade do fallecido.

N'essa occasião continuavam ainda mais estreitas as relações de amizade que me ligavam ao Sr. Coronel José Coelho de Souza e sua Exma. Família; e frequentando a sua casa com alguma assiduidade tive occasião de ver uma de suas pupillas, Dona Maria Joaquina de Souza Bastos, que era sua afilhada, e, d'esde logo, julguei ter encontrado o ideal que sonhára.

E, de facto, devidamente auctorisado pela dita senhora, dirigi-me ao Sr. Coronel José Coelho e, depois de lhe expôr que meu fim era impetrar em casamento a mão de sua afilhada, tive o prazer de ver que foi acceito o meu pedido.

Depois de ter obtido esta decisão favoravel, resolvi mudar de vida e dedicar-me exclusivamente á lavoura, como sempre pretendi e, para levar a effeito essa resolução, tratei de liquidar a casa de negocio, de accordo com o meu socio, correndo a liquidação na melhor harmonia possivel e conforme o estylo commercial.

De posse de um pequeno peculio ali adquirido com toda a honradez, tratei de comprar ao Sr. Pedro Francisco da Silva uma porção de terras e formei o meu estabelecimento, tendo antes realisado o meu casamento e recebido do Sr. Coronel José Coelho, na qualidade de encarregado da administração da pessoa e bens de minha mulher, oito escravos e um conto de réis em moeda corrente, unica herança que lhe coube de seus pais.

Convem explicar ao publico que, no mesmo anno em que comprei as terras ao Sr. Pedro Francisco da Silva, mandei immediatamente roçar o logar conveniente para a situação, construi as casas de vivenda e de fôrnos, comprei algumas roças com os meus proprios recursos, adquiridos na casa de negocio, produzindo aquellas mais de duzentos pançiros de gomma, e fiz plantar outras, das quaes colhi mais de tresentos alqueires de arrôz.

Na colheita do anno seguinte, em que a farinha teve uma alta assaz favoravel, apurei n'esse genero cerca de oito contos de réis, tudo devido á perseverança de minha parte no trabalho agricola.

Trabalhei, e trabalhei muito.

Passado mais um anno, pouco mais ou menos, falleceu no termo de Guimarães o Sr. Tenente Joaquim Anonio Ribeiro da Fonseca, proprietario do estabelecimento agricola «Tapera», hoje «Graça de Deus», e tendo seu filho, o Sr. Capitão Francisco Xavier Ribeiro da Fonseca, recebido por herança paterna e pelo que seu pae lhe era devedor, como propalava, o mesmo estabelecimento, no valor de treze contos de réis, se não me falha a memoria, procurou vendê-lo immediatamente.

Depois de tê-lo offerecido á diversas pessoas, entre estas ao Sr. Antonio Rodrigues de Azevedo, teve occasião de offerecer-m'o tambem.

Era tal o desejo inexplicavel que tinha o Sr. Capitão Francisco Xavier Ribeiro da Fonseca de dispor d'quelle estabelecimento que, achando-me n'essa occasião duente de febres no Engenho «Frechal», de propriedade do Sr. Coronel José Coelho de Souza, insistiu para que lh'o comprasse, pedindo-me então que, apesar de doente, fosse em rêde até a Villa afim de passar-se a respectiva escriptura, offerecendo-me até escravos para a conducção e allegando, ao mesmo tempo, que, emquanto não effectuasse a venda, não teria socego de espirito; allegação esta que foi confirmada diversas vezes por sua esposa, a qual explicou em termos claros e precisos que seu marido desejava levar á effecto aquella venda com toda a brevidade, porque quando elle ia á fazenda «Tapera» em perfeito estado de saude e á cavallo, voltava sempre na rêde bastante encommoado e dizendo que, em todos os cantos da casa da «Fazenda» deparava com o vulto de seu fallecido pai!

Cauzou-me seria impressão semelhante revelação que parecia envolver algum segredo de familia que era forçoso respeitar!

A' sua viuva, á Deus, e á muitas pessoas em Guimarães talvez não seja desconhecido o motivo de um phenomeno tão extraordinario!

Apenas obtive algumas melhoras, não me sendo comtudo possivel emprehender ainda uma viagem á Villa de Guimarães, em virtude da não pequena dis-

tancia á percorrer. os vendedores e seus parentes convieram entre si mandar vir á fazenda «Mondego», de propriedade da viuva Dona Innocencia Braga Coelho, mãe da vendedôra, cuja fazenda dista uma legua da do «Frechal» onde me achava, o Tabellião Cordeiro; em vista do que para alli me dirigi, ainda no periodo da convalescença e á muito rôgo dos vendedôres; sendo então lavrada, em 30 de Agosto de 1873, a respectiva escriptura, pela qual comprei a fazenda «Tapera», em ruínas, com mil braças de terras em quadro pela quantia fle perto de 15 contos de réis, inclusive os competentes direitos de transmissão, emolumentos ao Tabellião pela escriptura e outros actos relativos a esta, entregando seis contos de réis á vista e convencionando o resto á prazos, em cujos vencimentos foram pontualmente saptisfeitos por mim os respectivos pagamentos.

Por aquella escriptura os vendedôres me transferiram immediatamente, no acto de sua confecção, toda a posse, dominio e senhorio, que até então tinham, de modo que, d'esde aquella occasião, a fazenda «Tapera» me pertencia de facto e de direito; mas, apesar de tudo, só vim a tomar posse d'ella definitivamente em 13 de Janeiro de 1874, quasi cinco mezes depois, porque tive a generosidade de permittir aos vendedores que aproveitassem a safra peudente, sem que similhante concessão fizesse parte do nosso ajuste primitivo, nem d'ella se tratasse no mencionado instrumento publico.

Tiveram ainda os vendedores a felicidade de apurar n'essa colheita, que alias de direito não lhe pertencia, mas que foi por mim cedida voluntariamente, como já flz vêr, mais de novecentos saccos de assucar, além da aguardente respectiva, e assim, o que tinham recebido por treze contos de réis venderam por mais de vinte, muito além de sua expectativa.

Pouco tempo depois de effectuado este contracto, que serviu de théma á meus gratuitos detractores para attrahir contra mim a odiosidade publica, invertendo e adulterando os factos á seu bël prazer, aquelles mesmos, que me haviam vendido a «Tapera» pela quantia retro mencionada, compraram ao Sr. Coronel José Coelho de Souza Junior a fazenda «Gurutil» por dose

contos de réis sob os mesmos prazos, mas em muito melhores condições.

Assim é que, comprando eu um estabelecimento em ruínas com mil braças de terra em quadro, (tal era a fazenda «Tapera») pela importancia de perto de quinze contos de réis, os ex-proprietarios d'esta obtiveram, pela compra feita ao Tenente-Coronel José Coelho, a fazenda «Gurutil» com uma porção de terras, tres vezes maior, contendo mattas virgens e perto do porto de embarque, um pouco mais ao centro, por menor quantia; não estando, alem de tudo, as roças e cannavias, alli plantados, sujeitos á serem destruidos pelo gado que pastava nos campos do «Urú», e com os quaes confinam as minhas terras.

Se, antes da compra da fazenda «Tapera», eu tivesse conhecimento de que pretendiam vender a fazenda «Gurutil», preferiria, de certo, esta e não poria duvida alguma em dar por ella vinte contos de réis, e não doze, preço da venda feita, pois tinha inteira convicção de que faria um negocio muito mais vantajoso.

Já vê o publico que a morte do Capitão Francisco Xavier Ribeiro da Fonseca não foi devida á venda que me fez da fazenda «Tapera», onde era continuamente perseguido por visões, e nem morrêra louco, como falsamente disse o *Sentinella*, fiel reproductor das antigas pasquinadas do celebre Freitas, de ominosa memoria.

O Capitão Francisco Xavier Ribeiro da Fonseca falleceu em seu perfeito juizo.

Appello n'esse sentido para sua viuva e mais parentes.

E' verdade que aquelle Capitão mostrava viver desassocegado, como por todos era notado, mas esse desassocego proveiu dos meios por que houve a fazenda «Tapera», e não pelo facto de tel-a vendido.

Deus, repito, a viuva e, naturalmente, muitas pessoas em Guimarães, o sabem; e, se não, recorram os que á respeito tiverem duvidas á um dos cartorios dos escrivães d'aquelle termo e á secretaria e archivo do Superior Tribunal de Justiça do Estado !...

Tendo eu comprado como já fica dito, a fazenda «Tapera» porque desejava adoptar a lavoura de canna,

e tendo d'isso sciencia o Sr. Antonio do Nascimento Ferreira, procurou-me este na minha fazenda «Rio Formoso», onde me achava doente de cama, e disse-me que, no caso de querer vender esta, visto ter comprado a «Tapera», desejava possuil-a, e me pedia que o preferisse, allegando nessa occasião que assim o fazia porque as terras do «Rio Formoso» confinavam com as de seu sogro; homem já velho e decrepito, accrescendo ainda ter muitos filhos em tenra idade e procurar meios de garantir-lhes um futuro.

Exposta assim a intenção do Sr. Antonio do Nascimento Ferreira, fiz-lhe ver que a fazenda «Rio Formoso», estabelecida por mim nas terras compradas ao Sr. Pedro Francisco da Silva, me havia custado perto de cinco contos de réis, que tudo alli estava construido de novo, sendo os fornos, roda e mais accessorios de lavoura os melhores possiveis e, talvez, sem igual n'aquelle tempo.

Pareceu agradar esta minha exposição ao Sr. Nascimento Ferreira, homem entendido na materia e lavrador de primeira plaina; tanto que, depois de examinar a fazenda e ficar convencido da verdade, offereceu-me a quantia de quatro contos e quinhentos mil réis em dois prazos para o pagamento, ao que annui, firmando então o negocio, visto como, pouco antes, havia eu comprado tambem ao Sr. Tenente Manoel Estevam Lopes o sitio «Santa Cruz», onde podia fixar minha residencia até que me fosse entregue definitivamente a fazenda «Tapera» que havia comprado, como fica exposto.

Passado pouco tempo depois de firmado o contracto da compra e venda da fazenda «Rio Formoso», o Sr. Ferreira tomou conta d'ella e, devido à seu trabalho perseverante, ali fez boas colheitas. Dispunha tambem n'essa occasião de algum capital; tanto que, no vencimento do primeiro prazo, pagou-me pontualmente a quantia convencionada, fazendo o derradeiro pagamento antes de vencido o segundo e ultimo praso.

Entretanto, o «Sentinella», à exemplo do *celebrissimo* Freitas, no intuito malefico de ferir minha reputação e desprestigiarme, attribuiu-me a causa da lou-

cura do Sr. Ferreira, dando como motivo principal a venda que lhe fiz da fazenda «Rio Formoso»!! . . .

Ninguem, de certo, ignora na comarca de Guimarães, e com maioria de razão, o *Sentinella*, que o Sr. Antonio do Nascimento Ferreira enlouquecera, devido a ter tomado um purgante de oleo de ricino e, no dia seguinte, ido à roça e apanhado chuva em caminho.

Sendo aquelle Sr. Ferreira homem que dispunha de recursos pecuniarios, é impossivel crer-se que pudesse perder a razão unicamente pelo facto da insignificante compra que fez, tendo se mostrado, pelo contrario satisfeitissimo com tal aquisição.

Um dos filhos do Sr. Ferreira, sendo já adulto, enlouqueceu tambem muito tempo depois, e suicidou-se.

Uma sua filha, já môça, soffre de desarranjo mental, segundo fui informado, ha pouco, pelo Sr. Manoel Fonseca na occasião em que me communicou o casamento de um seu filho com uma outra filha do Sr. Ferreira, indo elles, depois de casados, fixar sua residencia na mesma fazenda "Formoso", que tem sido sempre habitada e onde se têm feito constantemente bôas colheitas.

De tudo o que fica exposto com relação à venda do estabelecimento de lavoura "Rio Formoso" promovi uma justificação com oito testemunhas qualificadas e maiores de toda a excepção, sendo então meu advogado o Doutor José Vicente da Costa Basto, residente n'esse tempo no termo do Cururupú, isto no anno de 1881, (ha 17 annos!), quando dei resposta cabal ao artigo calumnioso do *decantado* Freitas, reproduzido ultimamente pelo *Sentinella*, *ipsis verbis*!

Tendo necessidade de obter uma porção de terras que confinasse com as da fazenda "Tapera", comprei um quinhão ao Sr. Hilario Domingues da Silva e as terras do «Engenho do Meio» ao Sr. Major José da Costa Carvalho.

Pois bem, quinze contos de réis que dei pela fazenda "Tapera" no estado de ruinas em que se achava: desoito contos que despendi com a reconstrucção da casa de morar, casas de engenho e fornos, compra de uma maquina e moendas novas, alambiques, tinões e

outros accessorios, além dos competentes assentamentos; trez contos pelo quinhão de terras comprado ao Sr. Hilario; e cinco contos de réis que me custou o «Engenho do Meio»; prefaz tudo a quantia de quarenta e um contos, que tenho empregado nos meus estabelecimentos de lavoura, adquiridos com muita perseverança e trabalho, como se pôde ver dos livros de minha escripturação.

Entretanto alguém, que não podia imitar-me no meu constante labôr, dizia, repetidas vezes, por mero despeito, inveja ou capricho mal entendido que tudo quanto eu possuia me havia custado uma ninharia!

Quarenta e um contos de réis; que ninharia!...

A viuva que o *incomparavel* Freitas, alliciado pelos algôzes de minha honra por conhecerem n'elle um character maleavel, declarou ter eu feito vertêr lagrimas, e de que tratou ultimamente o *Sentinella*, tornando-se êcho das objurgatorias d'aquelle individuo, foi a principal causadôra, talvez inconsciente, de todos os males que hei soffrido moralmente e dos insultos atirados á minha reputação, como verà o publico pelo facto seguinte:

Na época, á que me refiro, a safra de assucar na comarca de Guimarães era assáz importante, mas lutava-se com algumas difficultades na exportação d'aquelle genero pela deficiencia de embarcações para transporte no tempo preciso.

Foi seguramente, n'essa occasião, que aquella viuva se queixara de ser por mim embaraçada no embarque do seu assucar, *não consentindo eu que ella o fizesse.*

Este procedimento sem nome, attribuido á minha pessoa, e que não se compadece com o meu character, não pôde passar sem reparo da minha parte por nada haver n'elle de verdadeiro.

N'esse tempo tinha meus debitos, pagava juros e, portanto, tinha precisão de embarcar os meus generos para satisfazer á tempo os compromissos contrahidos com meus credores; ao passo que a viuva, de que se trata, não se achava n'essas condicções.

Nada devia, como era publico e notorio; e quando

mesmo devesse não era isso motivo plausível para que eu intentasse prejudicial-a no embarque de sua colheita!

Navegava, então, para o meu porto um barco denominado «Santa Ritta», do qual era dono e mestre o individuo, de nome João Dias, que recebia assucar de diversos engenhos.

Achando-se este, um dia, em minha casa, propuz-lhe pagar mais sessenta réis pelo frete de cada sacco, (que n'essa occasião era 640 réis), uma vez que levasse o meu assucar de preferencia a outro qualquer.

Era uma medida vantajosa para mim e que, de modo algum, poderia offender a quem quer que fosse, porque, como já disse, o meu fim era nunca faltar á satisfação de meus compromissos.

Ora, tendo eu feito aquelle contracto com o dono e mestre do barco, e sendo por este acceitas as condições estabelecidas, poderia dizer-lhe, na occasião de embarcar o meu assucar, que não o embarcasse e que fosse antes receber o da Sra. Dona Adelina ou de outro qualquer lavrador, pagando-lhe eu o excesso de sessenta réis conforme o ajuste?

Isto, além de irrisorio, é ao mesmo tempo incrivel! . . .

Além de ser prejudicado com a demora no embarque de meus generos de lavoura, ainda prejudicado na bolsa, pagando aquella differença sem interesse algum!! . . .

Eu não possuia embarcação alguma para transporte de cargas n'esse tempo; e, quando possuísse, seria, porventura obrigado a embarcar n'ella generos de quem quer que fosse, de preferencia aos meus? . . .

Além d'isso, onde se viu o caso de perder-se generos devidamente armazenados pelo motivo de curta demora no embarque dos mesmos, salvo os casos de roubo ou incendio?

Pura invenção, como tudo o mais!

A Sra. Dona Adelina, a viuva de que tenho tratado, nunca perdeu generos alguns armazenados; e ainda que assim acontecesse, nada tinha eu que ver com seus pejuisos; não era seu parente ou adherente e nem lhe revia favores de especie alguma.

Mas, . . . os Freitas e os sentinellas, que só tem vivido do suor de seu rosto, entendem que eu, generoso—como oaturalmente sabem que sou—dêvo preferir aos meus, interesses alheios ! . . .

Que bôas almas ! . . .

Conheceu, perfeitamente, o publico, especialmente o d'esta capital e o da comarca de Guimarães, o Tenente-Coronel José Coêlho de Souza Junior.

Era todos o sabem, o prototypo fiel do homem de bem, um cidadão honesto e bemquisto, um caracter lhano e circunspecto, e merecidamente era considerado o chefe principal da illustre e numerosa familia—Coelho de Souza—n'aquella comarca, procurando sempre defender com viv zêlo os direitos e interesses d'aquelles que lhe eram charos pelos laços de parentesco.

Conhece o publico d'esta Capital, bem como o d'rquella comarca, os Srs. Doutores, Torquato Tasso Coêlho de Souza, dtgno Juiz de Direito da comarca do «Tury-assú» e, actualmente, Secretario do Governo d'este Estado em missão de confiança, Arthur Napoleão Coêlho de Souza, Juiz de Direito da comarca do «Baixo Mearim» e Antenor Gustavo Coêlho de Souza, medico da Armada, moços de reputação bem firmada e verdadeiros typos de probidade, todos dignos filhos d'aquelle homem honrado.

Pois bem, desprezando as conveniencias sociaes e sem o minimo acatamento á memoria dos mortos, não trepidou o *Sentinella*, em seu insultuoso escripto, revolver as cinzas d'aquelle respeitavel chefe de familia, tornando-o indirectamente co-participante na loucura de seu apparentado, o Sr. Capitão Francisco Xavier Ribeiro da Fonseca e, como eu, causador das lagrimas de sangue, que diz ter vertido a viuva d'aquelle Capitão; porquanto, sendo o Tenente-Coronel José Coêlho primo co-irmão da vendedora, fôra testemunha na escriptura da venda da fazenda «Tapéra», e não fez de sua parte opposição alguma á tal venda, reputando-a, portanto, legal e vantajosa para os vendedores que, de bôa vontade e sem coacção de especie alguma, se mostraram satisfeitos em effectual-a.

Ainda, para prova da lealdade dos contractantes e

plena liberdade de acção na realisação do contracto de compra e venda da mencionada fazenda, assistiu tambem como testemunha e, n'esse caracter, assignou a respectiva escriptura o Major Francisco Coêlho de Souza Junior, irmão da vendedora, o qual, de certo, jamais prestaria sua assignatura para firmar um acto que fosse prejudicial aos interesses de uma pessoa á que o ligavam tão proximos laços de sangue.

Accresce, alem de tudo, que aquelle instrumento publico foi passado na fazenda «Mondêgo», então pertencente a Dona Innocencia Braga Coêlho, mãe da vendedora, pelo Tabellião Cordeiro, em 30 de Agosto de 1873, ha vinte e cinco annos, e deve constar do seu livro de notas, numero sete, cujo traslado se acha em meu poder.

Ora, se a compra que fiz da fazenda «Tapéra» motivou a loucura de seu ex-proprietario, como disse o *Sentinella*, para-phraseando o escripto assignado por Freitas, é logico tambem que os distinctos cavalheiros, que serviram de testemunhas, e a veneranda senhora que franqueou sua casa para a confecção d'aquelle instrumento publico, foram conniventes, attingindo-lhes, ainda que indirectamente, os dóestos que me foram lançados pelos injustos aggressores da minha honra.

Felizmente, porem, os illustres descendentes do Tenente-Coronel José Coêlho de Souza Junior, na brilhante posição social que merecidamente occupam, não esqueceram, e jamais esquecerão a moral sublime do Evangelho «perdôa de coração os que te offenderem directa ou indirectamente.»

Este preceito evangelico constituia um dos mais bellos ornamentos do bem formado coração de seu progenitor, e foi, com certeza, um legado preciosissimo deixado á seus filhos que têm procurado até hoje exercital-o religiosamente.

O contracto de compra e venda da fazenda «Tapéra» foi tão licito e feito de tão bôa fê, que tendo-me obrigado á dar seis contos de réis á vista, como de facto entreguei, e o resto á praso, comtudo para maior segurança dos vendedores, lhes hypothequei a mesma fazenda em garantia do que ficava á dever.

Seria meu procedimento, n'este caso, digno de censura? Que o digam os homens honestos e sensatos, para quem appello.

A fazenda «Tapera», unico estabelecimento de lavoura que comprei. alem do «Engenho do Meio», cujos proprietarios ainda vivem, e não estão loucos, foi entretanto o cavallo de batalha de «Freitas» e seu incomparavel imitador o *Sentinella*, sem lhes vir, contudo, á lembrança que o Capitão Francisco Xavier Ribeiro da Fonseca, ex-proprietario d'aquella, depois de ter-m'a vendido, comprára ao Tenente-Coronel José Coelho de Sousa Junior a fazenda «Gurutil» por doze contos de réis, quando valia vinte contos, quantia esta que eu não poria duvida alguma dar, se antecipadamente soubesse que pretendiam vendel-a, como já fica dito.

Vê, pois, o publico que o Capitão Ribeiro da Fonseca não tinha motivos para enlouquecer pela venda da «Tapera» no estado em que se achava, e a compra do «Gurutil» em muito melhores condicções e por preço aliás modico; pelo contrario, mostrou-se bastante satisfeito, como foi publico e notorio.

Passarei agora a tratar dos motivos do procedimento reprovado, é criminoso de «Freitas» para comigo

Esse individuo que, n'aquelle tempo, intitulava-se em Guimarães agente de uma companhia de seguros de vida e, n'esse sentido, realisou contractos com diversas pessoas, sendo uma d'ellas o Sr. Capitão João Antonio de Faria Lisbôa, de Cururupú, como fui informado, levava á effeito taes seguros sem as competentes formalidades exigidas, como a da precedencia do exame medico, que era imprescindivel.

Tendo necessidade de vir á esta capital tratar de negocios, passei na fazenda «Gurutil», onde se achavam a viuva Dona Adelina Fonseca e minha cunhada Dona Barbara Maria de Souza Bastos, e estas, chamando-me, pediram que aqui me informasse sobre a convenienciá ou não convenienciá em effectuar seguros de

vida com a companhia, da qual «Freitas» se dizia agente e se este estava realmente encarregado de effectual-os, pois já as tinha procurado para aquelle fim, obtendo em resposta que, visto demorar-se algum tempo em Guimarães e sendo-lhes preciso reflectir sobre o caso, apparecesse mais tarde para ter qualquer decisao.

Foi esta a razão por que, quando tratei mais atraz da perseguição phantastica, que disse Freitas e repetiu muitos annos depois o *Sentinella* ser por mim movida contra a viuva Dona Adelina, impedindo o embarque de seu assucar, declarei que ella nada devia.

Acceitando a incumbencia e desejando satisfazer pontualmente o pedido d'aquellas senhoras, apenas cheguei a esta capital, procurei informar-me de diversas pessoas á respeito e pude colher d'essas informações que Freitas era realmente agente de uma companhia de seguros, mas que não estava authorisado á effectuar seguros fóra da Provincia do Pará, e muito menos pelo interior d'este Estado, sendo até conveniente que ninguem se arriscasse a fazer seguros em tal companhia.

Demorando-me pouco tempo na Capital, regressei a Guimarães e, quando tive de dirigir-me á minha residencia habitual, passei de novo pela fazenda «Gurutil», que ficava em caminho e, por acaso, encontrei na porta da casa de vivenda as duas senhoras, de quem venho de fallar.

Interrogado ácerca da commissão de que fora incumbido, respondi-lhes, pondo-as á par das informações exactas que havia colhido, e retirei-me.

Passado pouco tempo, voltou ao «Gurutil» aquelle agente, procurando saber das referidas senhoras o que decidiam á respeito, e estas lhe responderam que estavam resolvidas a não effectuar os seguros porque eu, (deram o pai á criança), tendo vindo á Capital, fóra informado que a companhia não merecia confiança e que seu agente ali era um ladrão; palavras estas que repetiu o mesmo agente na noite em que, fóra de horas, fui por elle atacado na Villa, como passo á expôr:

Cumprindo-me residir o testamento com que fallecera o Sr. José Ribeiro da Cruz, á pedido de seus obri-

nho e meu compadre, o Sr. Capitão José Ribeiro da Cruz Sobrinho, de cuja probidade e inteireza de caracter não é licito duvidar, dirigi-me á Villa e aproveitei o ensejo para, durante a minha estada ali, visitar os Srs. Dr. José Mariano da Costa, hoje Desembargador e Prezidente do Superior Tribunal de Justiça d'este Estado, Commendador Joaquim Daniel Gomes de Castro e Major Antonio Bricio de Araujo; e, felismente, os encontrei juntos, á noite, na residencia d'aquelle Commendador, á praça da Independencia, onde me demorei jogando algumas partidas de voltairéte, retirando-me pela meia noite, debaixo de um pequeno chuvisco, para a casa onde morava, á mesma praça, acompanhado de um rapazinho, meu escravo.

Ao chegar perto de minha residencia ouvi alguém proferir o meu nome, chamando-me, e, voltando-me para dar attenção ao chamado, reparei um vulto que de mim se aproximava.

Apezar da escuridão da noite observei, além do vulto que se dirigia para o meu lado, mais quatro, postados debaixo de uma arvore para não serem talvez conhecidos e que depois verifiquei serem soldados.

Parei; e o vulto que me seguia parou tambem; aproveitando-se d'esta occasião para dizer-me as seguintes palavras:—*«então o Sr. disse a senhora Dona Adelina que a Companhia de Seguros e eu, seu agente, eramos um ladrões ?...»*

Conheci então o meu aggressor e, notando que conservava as mãos para traz das costas, respondi que não lhe tinham dito a verdade, e repeti então o que havia dito á viuva Dona Adelina, isto é, que n'esta capital fôra informado ser elle effectivamente agente de uma Companhia de Seguros, mas que esta não devia merecer confiança e finalisei dizendo-lhe que extranhava o procedimento d'aquelle senhora á quem não havia autorisado communicar á pessoa alguma o que lhe havia dito, e muito menos a elle.

Observando o vulto, ou antes «Freitas» que eu permanecia no mesmo lugar e com o chapéo de sol aberto para abrigar-me da chuva, suppóz naturalmente achar-me inerte, como de facto estava; então cobrando co-

ragem e tendo a certeza de que, se fosse necessario, podia contar com o auxilio das praças que, segundo fui depois informado, foram postas á sua disposição, não sei se pelo Commandante do destacamento, se pelo Delegado de Policia, que então era o Sr. José Candido Lyres, ou se por ambos. enfureceu-se e prorompeu em voz bastante alterada:—«o Sr. disse que eu era um ladrão; ladrão é o Sr.»

Pelo modo iracundo e desproposital com que foram proferidas aquellas palavras, conheci que «Freitas» trazia intenções sinistras contra mim; e calculei que, provavelmente, estivesse armado de faca, revolver ou outro qualquer instrumento offensivo, pela posição das mãos que conservava escondidas.

Ainda assim, tive impetos de lançar-me á elle, prender-lhe os braços e desarmal-o; mas, lembrando-me dos quatro vultos que vira debaixo da arvore, reflecti que sem duvida avançariam. á primeira voz, em sua defeza e o auxiliariam na pratica de qualquer attentado contra a minha pessoa e, portanto, resolvi dirigir-me a minha residencia á passos apressados.

Quando assim o fazia, senti um choque no antebraço esquerdo, produzido por instrumento contundente que depois verifiquei ser um cacête de pequena dimensão e que me foi atirado por Freitas traioceiramente pelas costas, apsesentando immediatamente uma grande ecchymosis; nada mais soffrendo porque alcancei a porta da casa e, entrando, fechei a porta.

Passados poucos instantes, batêram á porta e o rapasinho, que estava commigo, disse que provavelmente, deveriam ser os soldados que estavam debaixo da arvore; e, com effeito, não se enganou, porque continuaram á bater dizendo que abrisse a porta pois iam em minha defeza.

Era a continuação de uma farça mal representada! . . .

Quiz, por alguns momentos, dar credito á aquelle offerecimento extemporaneo de defeza e abri, com effeito, a porta.

Observando as praças que eu fôra offendido phisi-

samente, disseram que, se quizesse curar-me, estavam promptos a acompanhar-me até a botica.

Agradei tanto interesse por mim e fui, sem companhia alguma, á casa commercial do Sr. João Antonio Fernandes que, acudindo ao meu chamado quando bati á porta, fez-me entrar e friccionou com arnica a parte offendida.

Comprehende muito bem o publico que os soldados se achavam embuscados debaixo da arvore, não para minha defeza porque deviam ignorar, como eu, a aggressão que teria de soffrer n'essa noite e em hora tão adiantada, e quando, pôr acaso, lhes constasse tal aggressão por qualquer meio, não deviam consentir no desacato de que fui victima e do qual podiam resultar funestas consequencias; e sim estavam ali de promptidão para, no caso de haver reacção da minha parte, prender-me e apresentar-me como aggressor.

Foi por esta razão, e não por covardia, que retirei-me evitando a lufa, e julgo que procedi acertadamente.

Depois de applicado o curativo á contusão, que recebi, voltei á caza onde, n'essa noite, estivera jogando, e ali narrei o facto tal qual se havia dado sem omittir circumstancia alguma, e o Sr. Dr. José Marianno da Costa, á vista da exposição feita, disse ser conveniente em tal caso a prisão de «Freitas», mas toruava-se necessaria toda a reserva n'essa diligencia porque apenas «Freitas» tivesse noticia de que se procurava prendel-o, embarcaria em qualquer canõa, ficando assim frustrada a realisacão da diligencia.

Pouco tempo depois, o referido Sr. Dr. José Marianno dava, pelo jornal, noticia d'aquelle facto, verberando o procedimento de «Freitas.»

N'esse tempo dominava, na política, o partido liberal que não me podia olhar com bons olhos, porque apoiava o partido conservador em opposição.

As auctoridades policiaes de então, filiadas ao partido dominante, em vez de providenciarem sobre a captura do meu aggressor, pelo contrario, concorreram para a sua fuga, porque eram tambem conniventes na aggressão !

Era, então, Delegado de Policia em Guimarães o Sr. José Candido Lyres que, apesar de achar-se actualmente em estado de completa cegueira, exerce hoje identico cargo na mesma localidade ! . . .

Notavel coincidência ! . . .

Occupava eu, n'aquelle tempo, o cargo de agente Consular de Portugal na comarca de Guimarães, pelo que entendi conveniente, á vista d'estes factos arbitrarios, levar ao conhecimento do respectivo Consul, n'esta Capital, a aggressão que soffri, pedindo providencias a respeito.

Em vista de minha cõmmunicação, o Sr. Consul de Portugal dirigiu-se em officio ao Presidente da Provincia, expondo por suavex os factos que levei ao seu conhecimento e solicttando as providencias necessarias.

S. Exc. o Sr. Presidente de então, mandou ouvir á respeito o Delegado de Policia de Guimarães, que informou como bem lhe approuve fazel-o, dando razão ao meu aggressor; e os meus gratuitos desafectos, colligados á aquelle Delegado para que me fosse negada a justiça a que tinha direito, aproveitaram o ensejo para deprimir-me e desprestigiar-me, inventando um acervo de diatribes que escreveram e fizeram assignar e publicar pelo famigerado «Freitas».

Tal foi o effeito produzido pela publicação do artigo diffamatorio contra minha pessoa, que o Sr. Consul de Portugal, tendo-o lido, officiou dizendo-me que, á vista do que vira publicado em meu desabono, não sabia o que fazer.

Tratei immediatamente de promover a minha defesa e esta foi tão cabal que o proprio Sr. Consul, lendo-a, teve a gentileza de felicitar-me; e n'isso ficou.

Não tenho por costume regosijar-me com as infellicidades alheias, porque sou religioso e temente a Deus; mas parece que um poder invisivel se incumbira de tomar á si a defesa de minha causa, castigando trez dos principaes cooperadores de Freitas; assim é que um d'elles, entrevado no fundo de uma rede por muito tempo, veio á fallecer cego; outro acha-se em completo estado de cegueira; e outro finalisou seus dias na maior miseria possivel.

Quanto aos demais, servir-me-hei das eloquentes palavras do Divino Mestre:—«perdoai-lhes, porque não sabem o que fazem.—»

A' vista do que fica expendido, poderá o publico avaliar consciencemente quem fôra o causador das lagrimas vertidas por Dona Adelina Candida Coelho Ribeiro, viuva do Capitão Francisco Xavier Ribeiro da Fonseca, como disse «Freitas» e reproduziu, desesete annos depois, o *Sentinella*.

Lagrimas deveria eu derramar, porque foi ella a causadora do grande damno e dos incommodos moraes que tenho soffrido, ha 17 annos, e que ainda hoje se reflectem, como *justa* recompensa dos beneficios que lhe prestei.

Foi ella quem deu motivo a que meus gratuitos detractores se esforçassem por aniquilar-me, envenenando por meio da maledicencia e da calunnia, os actos mais sérios da minha vida, e emprestando-me a paternidade de feitos que repugnão ao homem de bem, como me préso de o ser.

Em um diabolico conciliabulo—do qual fez parte o *Sentinella* (que se diz representante da opposição em Guimarães), de que tenho certeza sem ninguem m'o dizer, pois que os factos o demonstrão, combinaram levar a effeito o meu aniquilamento—não só como politico prestigioso, mas tambem como homem de bem e pai de familia exemplar, julgando seguros os meios—contando com o meu não comparecimento como deputado ao Congresso, para a apuração da eleição do governador do Estado, visto que sabião que eu havia dito a alguns curiosos que não compareceria, como de facto tinha dito, pois é meu costume scientificar sempre os *abelhudos* do contrario do que pretendo fazer, e a reproducção pela imprensa da pasquinada de «Freitas» de 1881, o que fizeram no dia 2 de Agosto, estando a abertura do Congresso marcada para o dia seguinte. Ora, parece que o governador eleito do Estado e os directores da politica do partido dominante, a quem eu tinha promettido que não faltaria ao Congresso, vendo a minha falta e tendo-lhes alguém affiançado que eu não vinha por que, propositalmente, me achava na Cha-

pada, e lendo a tal pas uinada, tinhão razão de ficar, pelo menos, resentidos, e d'alguma forma acreditar em semelhante acervo de diatribes e calumnias.

Mas, os meus injustos detractores, enganaram-se; sahiu-lhes tudo ao contrario do que desejavam e esperavam. Clamaram no deserto; ninguem os ouviu.

Tenho ha muito tempo por costume, ir a Chapada em principios do mez de Agosto afim de assistir á ferra do meu gado, demorando-me sempre uns quinze dias, pouco mais ou menos, mas este anno, fiz a viagem em meiado de Julho tendo em vista a minha palavra e o cumprimento do meu dever—que desempenhei; e se na occasião em que pretendia retirar-me d'alli afim de poder embarcar no vapor de 2 do mesmo mez de Agosto, me não tivesse apparecido um pequeno incommodo que me impossibilitou de fazer viagem a cavallo, seria, sem duvida, presente na abertura da sessão do Congresso; entretanto, tendo passado o vapor, fiz a viagem por terra—passando inclemencias—montando aos poucos em um boisinho cavallo em cangalha (o que nunca me tinha acontecido na minha vida)—tocando com os pés em tócos e pedras—que um bom homem, na falta de outro meio, me emprestou e de cuja generosidade já-mais me esquecerei, cheguei á capital no dia seguinte ao da abertura do Congresso, e completei no mesmo dia o numero preciso para haver casa, fazendo-se a apuração da eleição do segundo districto.

Cabe aqui prevenir o illustre Chefe e directores do partido politico a que me orgulho de pertencer, de que, emquanto entenderem que d'alguma forma lhes posso ser util, não devem dar credito a intrigas de méros ganhadores—certos de que, qualquer que seja o meu modo de proceder ao contrario do meu modo de pensar, terei a franqueza e hombridade de manifestal-o, publicando-o pela imprensa.

---

São tão desapiedados, tão deshumanos os meus gratuitos detractores que, por occasião do diabolico conciliabulo na Villa de Guimarães, se achava alli uma filha

minha doente, e tão doente, que embarcou por aquelles dias para a capital—em estado tal, que ninguem julgava que se salvasse, declarando ao vel-a o distincto Clinico Sr. Dr. Tarquinio Lopes, meu medico e bom amigo, que não se admirassem se a qualquer momento ella fallecesse; e entretanto o implacavel *Sentinella*, que me havia dito por vezes que eu tinha uma filha muito sympathica e muito amavel—a pobre doente—, não deu tregoa ao seu furor.

Uma desgraça minha era um bom achado para elle. O meu aniquillamento era preciso, era forçoso, e não havia tempo a perder; a occasião era propicia.

A minha desgraça aparava-lhe a penna de ouro e fazia recrudescer a sua furia e de seus dignos comparasas. . .

Que Deus lhcs perdoe tanta perversidade.

Quando se trata de aniquilar alguem é porque esse alguem dispõe de prestigio e merito reconhecidos, procura viver na sociedade, sempre bemquisto e considerado, sem ser pezado á pessoa alguma.

E' d'esse procedimento conforme e honesto que se originaram a inveja, o odio e a perseguição infrene dos que não têm a felicidade de possuir aquelles predica-dos recommendaveis.

Não era para admirar que, na epoca da estada de «Freitas» em Guimarães se dessem os successos que a-traz vão enumerados, porque n'esse tempo dominava o partido liberal que sempre teve por divisa offender os adversarios sem olhar os meios; o que, porem, deve causar reparo, é vêr-se, em pleno dominio federalista, de cujo partido sou membro dedicado e leal, os collabo-radores do *Sentinella* que, falsamente, declara pertencer ao meu partido, seguir as mesmas pegadas, faseram do *Sentinella*, como já, em outro tempo, fiseram de «Freitas», quando liberaes estremes, echo de sordidas paixões e vinganças indecorosas ! . . . .

E' o cumulo.

Foi mais uma das causas do despeito e ogeriza dos

calumniadores de minha honra os relevantes serviços que, apesar de estrangeiro, prestei por occasião da guerra entre o Brazil e a Republica do Paraguay, em defeza da integridade do Imperio.

Não podiam tolerar que, nascido em outro paiz, fosse patriota e defendesse os direitos da patria que adoptei por minha, para onde vim ainda imberbe, onde constitui familia e tenho meus interesses, onde tenho vivido e pretendo morrer.

Mordiam-se de inveja, vendo que sempre timbrei por ser um homem honrado, um pai de familia exemplar, um obreiro inexcusavel, um homem, em fim, de algum merito, e porque não tinham esperanza alguma de conseguir que descesse á nivelar me com elles.

Infelizmente, ainda ha individuos, que pensam como o *Sentinella* e seus adeptos, que alcunham de renegados os estrangeiros que, como eu, se têm naturalisado brasileiros, apesar da lei da grande naturalização, promulgada pela necessidade de povoar este rico e enorme paiz; mas, por outro lado e em maior numero, são os brasileiros distinctos e honestos que pensam de modo inteiramente contrario.

Patriotas de coração não regateam aos naturalisados o direito de serem tambem patriotas, de gosar os fóros de cidadãos.

Lembro-me agora das brilhantes palavras do distincto Senador Benedicto Leite, uma das glorias não só d'este Estado, como de todo o Brazil, quando, no Congresso Estadual, com aquella eloquencia persuasiva e admiravel que lhe é peculiar, censurou aceremente e com toda a razão e justiça, os estrangeiros que estabeleciam syndicatos para avassallar o Brazil e, na mesma occasião, declarou ser sua opinião que os naturalisados de reconhecido mérito e patriotismo podião ser até Presidentes da Republica.

Que exemplo bello e edificante para o *Sentinella* e seus asseclas, e ainda para aquelles que pensam do mesmo modo ! . . .

Sou tão patriota e amo tanto este paiz onde resido d'esde a minha mocidade, que não poria duvida em pegar em armas para defendel-o de uma guerra injusta

que lhe fosse declarada pelo meu paiz natal; o que jamais acontecerá pelos laços de fraternidade que cada vez mais prendem as duas nações amigas: e poderiam por esse acto, que de minha parte reputo naturalissimo, taxar-me de renegado?

N'esse caso que nome se pode dar aos filhos de um paiz que, em guerra civil, se esphacelam e arruinam a propria patria?

E' este o meu modo de pensar; e declaro, em alto e bom som e sob minha palavra, que, apesar de pai extremoso, se um filho meu tivesse a infelicidade de commetter um crime, que offendesse a propriedade, a honra ou a vida de alguém, seria o primeiro a denuncial-o e entregal-o á justiça.

Tambem tem sido e continúa a ser um dos motivos da odiosidade de meus diabolicos aggressores um corpo de delicto que, ao tempo de minha residencia na fazenda «Rio Formoso», se procedera em um meu protegido, de nome Honorato Campos, declarando os peritos, por occasião do exame, que o paciente havia recebido nas costas uma facada profunda dada pelo individuo, de nome Pedro Cabo: o que provava que este havia atirado o golpe quando aquelle fugia; declarando ainda os peritos que o ferimento produzira grave incommodo de saude, o que tudo consta do respectivo auto.

Teve lugar a factura do corpo de delicto no logar «Arrenegado», na casa de residencia do Sr. José Albino da Silva, sob a inspecção do Delegado de Policia de Guimarães que, para aquelle fim, se transportára ao dito logar, acompanhado de seu escrivão.

Serviu de perito um tal Pedro, por alcunha «Diabo» (um dos cooperadores de «Freitas», o qual falleceu em estado de miseria.)

Felizmente ainda existem o offendido e as testemunhas que assignaram o auto.

O aggressor residia perto do «Arrenegado», e possuia um bocado de terra.

A' despeito da publicidade do acto criminoso, o Delegado de Policia, o perito Pedro «Diabo» et reliqua, dirigiram-se á residencia do autor do delicto e

o induziram a vender a terra e dar-lhes dinheiro sob a promessa de reformar-se em segredo, como de facto fizeram, o corpo de delicto, tornando leves os ferimentos e o delicto de acção particular.

Parecendo haver bastante morosidade no andamento do processo, que deveria ser intentado por denuncia da Promotoria Publica, mandei o offendido á Villa de Guimarães informar-se da causa de semelhante delonga, e este trouxe-me em resposta que o escrivão respectivo lhe havia declarado que, sendo o delicto de acção privada, a elle (offendido) cumpria proceder, se quizesse, depois de satisfazer as custas do exame.

Causou-me justa indignação a resposta dada pelo escrivão, pela qual suppuz logo que se urdira alguma trama para inutilisar o corpo de delicto feito com toda a regularidade, substituindo-o por outro em contrario; pelo que tomei a resolução de convidar as testemunhas do exame referido, uma das quaes era o Sr. Aristides José da Silva, homem qualificado, e me dirigi com ellas á Villa, dez legoas distante, onde dei publicidade á fraude empregada, levando-a ao conhecimento do representante do ministerio publico e pedindo-lhe que, como organ da justiça e advogado dos interesses da sociedade, obrigasse os falsarios á apresentar em juizo o verdadeiro corpo de delicto, porquanto no que fôra ultimamente exhibido reconheceram as testemunhas signatarias que, não só suas assignaturas tinham sido falsificadas, como que alteradas as declarações dos peritos e as respostas aos quisitos formulados.

Em face d'esta minha declaração, o promotor publico, que então era o Sr. Capitão Luiz Cordeiro, interessou-se, como lhe cumpria, pela pesquisa da falsidade e, verificando-a, aconselhou o Delegado de Policia a pedir demissão, sob pena de ser obrigado a proceder criminalmente contra elle, e denunciou o réo, tomando por base o verdadeiro corpo de delicto.

Correu o processo e, de conformidade com as provas dos autos, foi o réo pronunciado e em seguida condemnado a dois e meio annos de prisão !

Este meu procedimento, aliás correcto e outros actos quejandos attrahiram sobre a minha humilde pes-

soa o odio de certos individuos mal intencionados, á ponto de inventarem e fornecerem á «Freitas» o material preciso para o seu calumnioso artigo !

Quanta abjecção ! !...

Entretanto «Freitas», completamente extranho á aquella localidade, sem entreter relações commigo, nem mesmo de mera cortezia, offendeu-me injusta e desapiadadamente, bem como aos Guimaraenses, á alguns dos quaes prejudicou, e ficou impune porque encontrou escandalosa protecção da parte de meus detractores que lhe facilitaram os meios de fuga, não sendo possível a sua captura apezar das diligencias que foram empregadas.

Por felicidade de todos nunca mais voltou á Guimaraes o tal supposto agente, nem outro qualquer da mesma companhia de seguros; de modo que ficaram perdendo todos aquelles que lhe deram dinheiro para aquelle fim, menos a viuva, *à quem fiz derramar lagrimas* e minha cunhada que ficaram isentas de não pequeno prejuizo, tudo devido simplesmente ao meu sacrificio, ao meu martyrio...

Freitas foi incitado á proceder, como procedeu, pelo desespero em que ficou por não poder finter as duas senhoras; e eu só posso considerá-lo um pobre diabo que fazia da gatunice meio de vida.

Defendi-me immediatamente e de modo completo das infundadas accusações que soffri, enviando á antiga casa commercial dos Srs. Almeida Junior & C., meus correspondentes, documentos importantes e valiosissimos,—taes como a justificação de que tratei—, aos quaes annexaram aquelles Srs. um abaixo assignado do commercio d'esta praça em meu abono, destruindo em fórma a falsa allegação de ter denunciado de quebra fraudulenta a casa Britto Telles, de que fui guardalivros; e fizeram de tudo entrega ao erudito advogado, Sr. Conselheiro Augusto Olympio Gomes de Castro, confiando-lhe a minha defesa, que foi publicada e occupou quasi um numero do jornal *Paiz*, então propriedade do Sr. Themistocles Aranha.

Não me veio á mente n'aquella occasião conservar tal documento, porque jamais poderia prever que, de-

pois de me ter justificado plena e cabalmente perante o publico, individuos mais perigosos que o misero «Freitas», reproduzissem, passados desesseze annos, todas as imputações offensivas ao meu brio, honra e reputação, que por aquelle me foram irrogadas; accrescentando, de lavra propria, uma historia de «Ursulina», com quem realmente sympathisava porque, era intelligente e, ambos hospedes do mesmo hotel, nos entretinhamos, ás vezes, em palestras agradaveis com cavalheiros assás distinctos, sem que por isso eu tivesse desamparado minha familia no interior.

Achava-me, então, n'esta Capital como deputado ao Congresso Estadual e, residindo no mesmo hotel, o acaso me proporcionara esse passatempo, de que ainda tenho saudades.

Enxergar este meu procedimento por um prisma inteiramente diverso importa uma grave offensa que repillo com toda a energia, com toda a dignidade.

O honrado e illustre Snr. Conselheiro Gomes de Castro revelou tanto interesse pela justiça de minha causa que requereu a expedição de deprecadas no alcance de «Freitas» até a província do Pará, não tendo sido encontrado nem alli nem em parte alguma.

Não era para admirar que assim acontecesse, porque «Freitas, alem de prestar-se ao desempenho do vergonhoso papel de—têsta de ferro—, era um verdadeiro cavalheiro de industria.

Tomo, portanto, a liberdade de appellar para o juizo insuspeito do mesmo Snr. Conselheiro que, não me conhecendo pessoalmente n'aquella época, de então para cá tem me distinguido com sua honrosa estima e dado provas de consideração á minha humilde individualidade.

Não tenho em meu podêr, como já disse, o jornal em que foi publicada a minha defeza, e julgo não ser preciso reproduzir aqui os documentos que exhibi e fizeram parte d'ella; em todo o caso, porem, cumpre-me appellar, como appello, para a consciencia das pessoas à quem tenho desgraçado, na frase *limada* do *Sentinnella*, eco de «Freitas», e para o juizo imparcial de todas as pessoas com quem tenho mantido sinceras rela-

ções de amizade, e d'aquellas com que hei tido transacções commerciaes.

Dirijo-me, em primeiro lugar, aos dignos e estima-veis commerciantes d'esta praça, os Snrs. Custodio Gonçalves Belehior, Manoel Rodrigues da Graça, José Valle, Januario Pereira Guimarães, José Martins Ferreira, Commendadores Candido Cezar da Silva Rosa e Augusto Cezar Marques, cujo venerando pai era intimo amigo do Snr. Britto Telles. Francisco Januario Guilhon de Oliveira, Joaquim Coêlho Fragozo, actualmen- te Consul de Portugal, João Luiz da Silva, Claudino Gomes do Casal, Augusto Americo da Silva Nunes, Manoel José d'Almeida Junior, aos illustres cavalheiros, Com- mendadores José Joaquim Lopes da Silva e Domingos Gonçalves da Silva, Alexandre Pires Seabra, e á outras pessoas que, por ventura, possam ter conhecimento de meus actos, quando empregado no commercio, os quaes poderão declarar, com toda a franqueza, se sabem ou lhes consta que, como guarda-livros de uma casa res- peitavel, tivesse exposto meu patrão á uma fallencia in- evitavel, denunciando como máu o seu estado financeiro.

Em segundo lugar, á Exma. Sra. Dona Jesuina Lis- bôa Braga e ao Snr. Capitão José Ribeiro da Cruz So- brinho, unicas familias com quem entretinha estreitas relações de amizade no termo Cururupú, ás quaes se referiu o *Sentinella* disendo:—*que eu, obrigado á viver da caridade de uma familia em Cururupú á meza da qual me alimentei annos, retribui aquelle acto de ca- ridade com a mais negra ingratição, atrophinando o coração de ueu bemfeitor até dar-lhe a morte.*

Provavelmente quiz o *Sentinella*, eco de «Freitas» dando largas a seu malevolo instincto, reportar-se ao finado Coronel Antonio Joaquim Braga; mas, felizmen- te, ainda vivem sua veneranda viuva e honrado genro, para os quaes appello, pedindo-lhes encarecidamente que patenteiem ao publico se, de alguma forma, contribui para a morte de seu marido e sogro e se, apesar da minha convivencia com elles e grande intimidade, á ponto de ser padrinho de um seu néto e filho, lhes fui pezado e lhes acarretei algum prejuizo.

Em terceiro lugar á essa familia da Villa de Gui-

marães a quem disse o *Sentinella* (isto é d'elle) *ter por vezes experimentado o meu veneno mortifero*

Por mais que parafuze não descobro qual a familia á que se referiu o *Sentinella*; e, o provoço a que, mesmo guardando o incognito, declare o nome d'essa familia, (se é que ainda existe e sua morte não foi o producto de meu veneno mortifero) !

Só tenho consciencia de ter praticado, n'aquella Villa, actos de caridade e beneficencia, aliás bem conhecidos do *Sentinella* como, por exemplo, á Sra. D. Dionisia Mello para quem o *Sentinella*, appellando para a minha philantropia, me pedira uma esmola, allegando ter desabado um compartimento da sua casa, que produzio a morte de sua mãe e de uma sua tia, á cujo pedido immediatamente attendi, entregando-lhe a quantia de cem mil réis.

E' do meu dever insistir para que essa familia, de que tratou o *Sentinella* e que, ainda hoje me é desconhecida, declare e prove o mal que experimentou e de que fui causa, embora tenha inteira convicção de que semelhante idéa não passou de um artificio calumnioso, empregado pelo *Sentinella*; e se, por acaso, existir essa familia e provar a accusação feita, o que duvido, comprometto-me, sob palavra de honra, a dar-lhe a quantia que entender exigir á titulo de indemnisação.

Ainda mais, desafio o *Sentinella* á fazer uma declaração publica e fiel dos nomes dos dois escravos que me confiaram, um a quantia de quinhentos mil réis e o outro a de tresentos mil réis para libertal-os, deixando eu de fazel-o ?

Com esta declaração muito me obsequiará o *Sentinella*, concorrendo com uma boa parcella por conta da sua divida moral para commigo.

Com bastante acanhamento e unicamente constrangido pelo procedimento desnatural do *Sentinella* declaro ainda que dispensei alguns beneficios á viuva Mattos, a quem apenas conhecia de vista, e á familia do Sr. João Pereira, a quem protegi. E nunca entretive relações com outra qualquer familia residente n'aquella Villa, á excepção da viuva do fallecido Sr. Dr. Guerra, composta de sua viuva e de sua filha, viuva do Major Francis-

co Coelho de Souza, primas em primeiro e segundo gráu de minha mulher, as quaes nunca prestei beneficio de especie alguma, mas tambem nunca prejudiquei.

Portanto, se alguma familia illustre ou humilde, residente na Villa de Guimarães, ou mesmo em outro qualquer logar, foi por mim prejudicada de qualquer maneira, prove-o com bases seguras, que estou prompto a iudemnisal-a, se me fôr possivel

Em quarto logar, ás Exmas. Sras. DD. Luiza Ursulina Coelho e Adelina Candida Coelho Ribeiro para que manifestem, sem constrangimento algum, se minha cunhada D. Barbara Maria de Souza Basto que com ellas e sua irmã, minha mulher, vivia alternadamente emantinha intimas relações, lhes dissera, alguma vez, que me havia utilizado dos serviços de quatro escravos seus, por espaço de dois annos, sem pagar-lhe o contracto de locação ajustado.

Rogo ainda ás mesmas senhoras que digam francamente se a dita minha cunhada lhes manifestára, ou se por outros quaesquer meios lhes constou, que eu a tivesse corrido de minha casa, que a maltratasse, que houvesse entre nós alguma desavença, e bem assim se acabou seus dias coberta de desgostos e em casa de familia extranha.

Cabe-me n'este ponto scientificar-ao publico que, á pedido de minha cunhada, comprei uma escrava, de nome Lelia, (e não um escravo, como asseverou o *Sentinella*) ao Snr. Major Militino Araujo, e fiz declarar no contextó da escriptura que fazia aquella compra para a dita minha cunhada de quem havia recebido a quantia precisa para aquelle fim; por quanto não tinha poderes legaes por instrumento publico para fazel-o.

N'este sentido invoco o testemunho insuspeito do respectivo Tabellião, em cujo poder deve existir o competente livro de notas.

Se o vendedor, homem reconhecidamente próbo, declarou á collectoria do Município ter sido a venda feita á mim, houve, de certo, engano de sua parte; e esse engano jamais poderia favorecer-me porquanto no corpo da escriptura consta a declaração retro mencionada, que vem em abono do meu procedimento.

Em tal caso, poderia chamar de minha propriedade aquella escrava? . . .

Só o diriam os nescios, os ignorantes! . . .

Passando a escrava Lelia ao poder de minha cunhada, como sua legitima senhora e possuidora, esta conservou-a por algum tempo em companhia de suas sobrinhas, minhas filhas, em cumprimento do que antes havia dito, isto é, que a comprava para servir-as; mas, alguns annos antes da lei áurea de 13 de Maio, entendeu alugal-a, como alugou, ao Snr. Hilario Domingues da Silva, em cuja caza esteve e ainda se conserva.

Appello para os dignos irmãos e filhos do dito Snr. Hilario, já fallecido.

Pouco tempo depois da compra da fazenda «Gurutib» feita pelo Snr. Capitão Francisco Xavier Ribeiro da Fonseca e do fallecimento d'este, minha cunhada á convite da viuva Dona Adelina que se disia sua intima amiga e a tratava por prima, se retirou de minha companhia, levando seus escravos, para a casa de sua prima e amiga, e alli permaneceu por espaço de oito annos, pouco mais ou menos, até que foi promulgada a lei da emancipação servil, quando, á convite meu veio de novo residir em minha companhia e de minha mulher, sua irmã, onde nunca lhe faltou o alimento e roupa necessaria, sendo bem tratada como foi sempre meu costume; e se, ultimamente, entendeu residir na fazenda «Frechál», onde falleceu, somente Deus, ella, e poucas pessoas de minha intimidade, sabiam o motivo, não me sendo lícito manifestal-o ao publico, que interesse algum pode ter em sabel-o; do que peço desculpa.

Pelo meu testamento, feito e assignado por mim com todas as formalidades legais, virá o publico a conhecer, depois de minha morte, as innumeradas decepções que hei supportado e quem m'as tem feito soffrer, então convencer-se-ha que tenho sido um verdadeiro martyr, victima da ingratitude, da calumnia, da intriga, da perversidade e da inveja considerando-me, aliás, como me presumo, um verdadeiro homem de bem, generoso por índole, caritativo, bom pai de familia, bom marido, bom cidadão e bom amigo. Perdõe-me o publico a falta de modestia da minha parte.

O homem, que dispõe de todos estes predicados, sacrificando-se pelo bem estar alheio, não pode prejudicar a ninguém, não pode ser ladrão.

E dizem que fiz enlouquecer e morrer de desgostos tanta gente !...

Ah ! homens de coração de pedra, dotados de pensamentos malevolos e indole perversa !...

Pensavam, talvez, que, algum dia, não se fizesse a luz e que, offuscados por seu brilho, não lhes cahissem as mascaras ? !...

Terrível cegueira ! ! !...

A justiça de Deus não se faz esperar; e a dos homens, apesar de tardia, tenho fé que hei de merecê-la,

Mandei educar minhas filhas em Cururupú, no collegio da illustrada professôra, a Exma. Sra. D. Herculana Firmina Vieira de Souza e, depois, n'esta capital, no da Exma. Sra. D. Mariana Peixoto Franco de Sá.

Comprei para seus estudos de musica um bom piano que conservo na fazenda.

Leyei-as com minha mulher á Europa; e o publico d'esta capital é testemunha do modo por que as tenho tratado e continuo a fazel-o.

Fui solteiro e, ha muitos annos, sou casado; mas, quer n'aquelle estado, quer n'este, nunca tive em minha companhia e por minha conta mulher alguma extranha.

E' verdade que sempre gostei das «Ursulinas» e suas congengeres sem, comtudo, faltar aos deveres de civilidade, ao respeito devido á minha familia e á sociedade.

Ainda, á respeito de minha cunhada, cabe me manifestar ao publico que tendo ella fallecido na fazenda «Frechal» de propriedade dos herdeiros do Sr. Coronel José Coelho de Souza, como fica dito, apenas divulgou-se aquella triste noticia, minha familia dirigiu-se immediatamente para ali á fim de dizer-lhe o ultimo adeus, não me tendo sido possivel comparecer á esse acto por achar-me bastante doente; entretanto fiz todas as des-

pezas com o seu enterramento e conducção do cadaver para o ultimo jazigo.

Mándeí celebrar por sua alma a missa do septimo dia, que teve lugar no cemiterio e ali fiz distribuir com a mesma intenção muitas esmolas de um, dois e cinco mil réis, sendo encarregado por mim de fazer todas essas despezas o Sr. Antonio Rodrigues de Azevedo, que depois recebeu de mim a importancia despendida.

Como legitimo representante de minha mulher tive de receber, tempos depois, a herança que lhe coube pelo fallecimento de sua irmã e minha cunhada, á saber:—4 acções do Banco Commercial e uma caderneta da Caixa Economica, da qual constava achar-se depositada ali a quantia de vinte e tantos mil réis; herança esta de que jamais me utilisarei, embora tenha a desventura de cahir na miseria, do que, tenho fé, Deus me livrará.

Sirva esta minha franca declaração de aviso previo ás pessoas da intima amisade de minha fallecida cunhada, que, naturalmente, ouviram suas *queixas*.

Seja-me ainda permittido declarar, como um penitente, humilhado e temente a Deus que, se prejudiquei ou, pelo menos, tentei prejudicar aquella minha cunhada, recaia sem piedade sobre mim a colera divina; e se foi ella que concorreu para o meu prejuizo ou tentou fazel-o, Deus lhe conceda a sua Divina Misericordia, perdoando-a como eu ja a perdoei.

Minha cunhada falleceu nas melhores relações comigo e com minha familia; tanto que, no dia de sua morte que foi repentina, havia escripto á sua irmã e sobrinhas, prevenindo-as que no dia seguinte iria visital-as.

---

A' respeito da montagem da fazenda de lavoura *com o auxilio d'aquelles á quem tinha por vezes mordido a mão bemfazeja*, (sem duvida a fazenda—Rio Formoso)—, e a venda que d'ella fiz, *porque era esteril, pondo o comprador em condicções taes que, pouco tempo depois, perdéra a rasão e falleceu deixando a viuva e filhos no meio d'esse campo esteril*, e a asseveração do «*Sentinella*» *que pelo fino trato attrhi um bom*

*e innocente velho de quem bifei tres a quatro contos de réis, o qual por isso perdeu a razão e depois a vida, e, finalmente, quanto ao par de esporas que disse ter sido tirado por mim do quarto do moribundo, tenho plena convicção de que todas essas bellezas, filhas da escaldada imaginação de seus inventores, foram totalmente destruidas pela justificação a que procedi em 1881. (ha desessete annos!) e da qual ja fallei, depondo como testemunhas pessoas qualificadas e de muito bom conceito na sociedade.*

Para evitar que, depois do fallecimento das pessoas com as quaes faça negocios e tenha transacções commerciaes, vendendo e comprando, uns «Freitas» e *Sentinellas* alleguem que esses vendedores e compradores morreram loucos por minha causa, passo a fazer uma exposição de todos os meus negocios, pedindo com todo o empenho a todos com quem tenho tratado e ás pessoas com quem, d'ora em diante, possa negociar que, com toda a franquesa e isenção de espirito, declarem pela imprensa e por cartas que se dignarem dirigir-me concedendo-me authorisação para usar d'ellas como me convier, o modo porque foram realisadas essas transacções e tudo o mais que se lhes offerecer diser á respeito.

A satisfacção d'este pedido me servirá, para o futuro, de arma defensiva contra as settas envenenadas dos maldizentes.

No tocante á venda da fazenda «Rio Formoso» e a compra da fazenda «Tapera» julgo ter dito o sufficiente para justificar a lealdade do meu procedimento; entretanto, para maior esclarecimento, acrescentarei que o Capitão Francisco Xavier Ribeiro da Fonseca, possuindo alguns bens de fortuna por herança de seus pais, tanto que emprestava dinheiros e trazia sempre em dia suas transacções, depois de effectuada a compra da fazenda «Gurutil», melhorou muito de sorte, augmentando sua fortuna; e, fallecendo pouco tempo depois, dei-

xou á sua viuva e filhos um estabelecimento agricola, completamente desembaraçado, bons escravos, e uma excellente boiada, constante de quarenta e tantos bois para carro e serviço do engenho.

Quebrando-se o engenho da fazenda «Gurutil» no anno seguinte, em meio da safra, apenas tive conhecimento d'esse fracasso inesperado que, necessariamente poria a viuva em serias difficuldades e concorreria para não pequeno prejuizo, perdendo-se a canna, puz a disposição da viuva D. Adelina, e sem o menor interesse pecuniario, o meu engenho á vapor, visto achar-se concluída a minha safra e, sendo aceito o offerecimento, pode concluir-se o serviço, moendo-se diariamente mais de 16 carradas de canna que era conduzida de mais de uma legua de distancia.

N'esse tempo possuia a viuva mais escravos que eu; e fez aquisição dos escravos de minha cunhada para o serviço de sua lavoura.

Ninguem poderá negar, de bôa fê, que aquella viuva fazia bôas colheitas; e se, apesar d'isso, ficou pobre, deve queixar-se unicamente de si porque não soube dirigir-se convenientemente, ou de seu irmão que, n'essa occasião, estava incumbido da administração de sua casa.

Sobre mim não podia, nem devia recahir culpa alguma porque apenas entre nós existiam relações de simples cortezia; nada tendo entretanto que ver com os seus interesses.

Pela exposição feita comprehende bem o publico que, longe de prejudicar a viuva Dona Adelina, pelo contrario, prestei-lhe grande beneficio, devido ao meu genio generoso e alma bemfaseja; e era minha intenção, Deus o sabe, prestar-lhe outro de muito maior importancia, como passo a expor :

Tendo eu conhecimento que seus interesses eram mal regulados e careciam de uma administração zelosa, offereci-me para tomar á meu cargo a gerencia do estabelecimento, entregando a direcção nas mãos de uma pessoa por mim escolhida e devidamente habilitada, certo de que solveria em breve tempo o debito passivo de sua casa, pelo menos do modo por que foi satisfei-

tó, e poderia entregar-lh'a livre e desembaraçada. Feliz, ou infelizmente, não foi acceita a proposta que apresentei, independente de todo e qualquer interesse, porque a viuva Dona Adelina, certamente mal aconselhada, não annuoio á ella, arrependendo-se mais tarde, de não ter accitado, como fui informad por minha propria cunhada.

Sua alma, sua palma.

Ainda disse em seu artigo o *Sentinella*, repetindo o que fôra escripto por Freitas, que o Capitão Francisco Xavier Ribeiro da Fonseca, em um de seus momentos lucidos, ao approximar-se-lhe a morte, exclamára:— *Ah! Cabrion, tiraste-me o resto da vida como principal arrimo de meus filhos.*

Quão injustos os meus detractores! Nem lhes tremeu a mão e remordeu-lhes a consciencia ao escreverem semelhante blasphemia, emprestando-a á um moribundo que, talvez, na sua hora extrema, só tivesse o pensamento em Deus e em sua desolada familia!

O Capitão Francisco Xavier Ribeiro da Fonseca falleceu em seu perfeito juizo, na Villa de Guimarães; e, poucos dias antes de sua morte, visitei-o.

Depois de feito o funeral, pediu-me sua viuva que a acompanhasse á sua fazenda «Gurutil», ao que promptamente accedi, passando por essa occasião na fazenda «Frechal», de propriedade de seus parentes, onde descançamos por alguns momentos da fadiga da viagem.

Devem recordar-se bem d'esse facto aquelles seus apparentados, especialmente a Exma. Sra. D. Rosalina, que dispõe de uma reminiscencia admiravel.

A Exma. Sra. D. Jezuina Braga, veneranda viuva do Sr. Coronel Braga, a qual, felizmente, ainda existe e «*cujo marido matei de desgostos*», segundo disse Freitas e, mais tarde, seu digno cumplice, o *Sentinella*, justamente indignada pelo procedimento reprovado de meus gratuitos desafectos, que não duvidaram até offender as cinzas respeitaveis de seu sempre chorado

esposo, teve a delicadesa de dirigir-me uma carta amistososa, desmentindo solememente semelhante calúnia e accrescentou ainda, que, quando seu marido, á procura de recursos medicos, teve necessidade de retirar-se com sua familia para esta capital, onde falleceu, eu o acompanhára, continuando á prestar-lhe relevantes serviços.

Aquella digna senhora, tendo em consideração a espontaneidade de meu procedimento, somente filho da sincera amizade que tributava á seu digno esposo e á sua illustre familia, e da consideração que me dispensavam, dignou-se agradecer, no final de sua carta, os serviços por mim prestados, como amigo leal e devotado.

---

Faz-se mistér reportar-me, por poucos momentos, ao facto do ataque que me foi feito por «Freitas» na Villa de Guimarães, para ainda accrescentar-lhe uma observação digna de grave reflexão:—Se, por acaso, estivesse armado, quando fui aggreddido por «Freitas», reagisse contra o meu aggressor defendendo-me, e qualquer de nós fosse victima na luta, quem, n'este caso, seria a causa motora d'essa luta ?

Se, em minha defesa, tivesse a infelicidade de tornar-me homicida, iria, de certo, gemer nas duras prisões de um carcere, e minhas filhinhas, ainda em tenra idade, ficariam sem pai, sem arrimo e sem pão !...

Se, por ventura, fosse eu victima da arma homicida de meu aggressor, aquellas innocentes creaturas, ficariam em peiores condicções, porque jamais poderiam nutrir a esperanza de, algum dia, lhes poder ser util !...

No primeiro caso, embora fosse reconhecido o meu direito de legitima defesa, dando em resultado uma absolvição justa, a vida ser-me-hia, ainda assim, um fardo pesado, lembrando-me á todo o instante que havia tirado a existencia a um meu semelhante, embora obrigado a fazel-o para conservar a minha; no segundo caso, o meu desaparecimento, por meio de um crime, perpetrado pelo meu aggressor, traria funestas conse-

quencias para minha pobre familia que amaldiçoaria á todo o momento o assassino que, roubando-lhe o que de mais precioso possuia, lhe havia dado em retribuição a fome, a miseria, o desespero e, talvez, a morte!

Portanto, repito, julgo que procedi acertadamente e que a Providencia Divina veio em meu auxilio n'aquella occasião.

---

Agora os meus negocios particulares e commerciaes:

Vendi ao Sr. Luiz Cosson um sitio, perto da Villa de Guimarães, denominado «Santa Cruz».

Comprei ao Sr. Hilario Domingues da Silva uma porção de terras misticas ás do meu estabelecimento de canna «Graça de Deus».

Comprei tambem ao Sr. Major José da Costa Carvalho o «Engenho do Meio», situado em terras contiguas ao dito estabelecimento.

Comprei aos Srs. Joaquim Pinto Nunes e Rafael da Costa Netto, de Alcantara, uma fazenda de gado, sita na Chapada de Pinheiro e denominada «Ronca».

Comprei ao Sr. Frederico de Sá Peixoto, de Pinheiro, uma outra fazenda de gado, denominada «Paraiso», na mesma «chapada».

Diversas vezes tenho negociado com o Sr. João Albino Gomes de Castro, residente no termo de Pinheiro, comarca de São Bento.

Rogo á esses cavalheiros o especial obsequio de declarar pela imprensa, ou por carta a mim dirigida, se, por ventura, os lesei nas negociações havidas entre nós e qual a forma por que se realisaram aquellas negociações.

Na Villa de Guimarães apenas tenho effectuado pequenos negocios com o Sr. Antonio Rodrigues de Azevedo e outros commerciantes e, ha pouco tempo, comprei ao Sr. Adomeno de Souza Cardoso uma casa terrea de meia morada. A' estes cavalheiros tambem peço que declarem pelos mesmos meios acima expostos se tenho, ou não, cumprido estrictamente meus deveres para com elles.

N'esta capital me correspondi, com a antiga casa commercial dos Srs. Almeida Junior & C., e com a dos Srs. Almeida Junior & C., Successores.

D'estas casas apenas existem os honrados empregados, Srs. Augusto Americo da Silva Nunes e Mariano Quiterio da Costa, e o Sr. Antonio Barreiros, hoje socio da firma Tavares, Barreiros & C., os quaes poderão informar succintamente as minhas transacções commerciaes com ellas.

Tambem me tenho correspondido com as casas dos Srs. Cunha Santos & C., Successores, Domingos Ribeiro da Cruz e Bento Dias, Irmão C., assim como, ha pouco tempo, com a dos Srs. Aristides Cunha & C., hoje Fernandes Pinto & C. e com a nova firma dos Srs. Almeida Junior & C.

Das escripturações de todos estes estabelecimentos commerciaes devem, necessariamente, constar todas as transacções que demonstrem meus poucos haveres, e por ellas se poderá verificar que foram adquiridos por meio licito e honesto, resultado de muita perseverança no trabalho.

Rogo, ainda, a estes honrados negociantes, a todos com quem haja tido algumas transacções e, finalmente ao corpo commercial d'esta capital que manifestem com toda a franqueza, se tenho sido pontual, ou não, na satisfação de meus compromissos, e se hei dado algum prejuizo, negando debitos contrahidos por mim ou comprando aquillo que não possa pagar.

O homem de maus instinctos naturalmente se revela á cada passo e o seu procedimento incorrecto e leviano não é desconhecido da sociedade, em cujo seio vive; e se as calumnias que me foram irrogadas fossem factos veridicos, de certo, ha muito tempo, estariam no dominio do publico que, como juiz recto, severo e imparcial, tinha o direito de considerar-me malvado, ladrão e até assassino e, em taes condicções, ninguem ousaria aproximar-se de mim para pedir em casamento qualquer de minhas filhas, como fizeram dois membros de uma das mais distinctas familias da comarca de Guimarães.

Considerado como um leproso perante a sociedade,

todos procurariam evitar qualquer contacto commigo ou pessoa de minha familia.

Graças á Deus, tem-se visto inteiramente o contrario: a sociedade moralisada tem-me feito inteira justiça, considerando-me victima innocente das machinações insidiosas de individuos que trazem a frente velada com a mascara da hypocrisia e a maldade occulta nas dobras do coração!

D'esde que fixei minha residencia na comarca de Guimarães, tenho sempre mantido com a nobre e honrada familia—Coelho de Souza—as mais estreitas e cordiaes relações de amizade, tanto que só membros d'essa mesma familia tem sido testemunhas de meu casamento e padrinhós de minhas filhas. Ainda, ultimamente, foram testemunhas do consorcio de uma d'ellas o Sr. Dr. Antenor e sua Exma. Senhora.

Assim pois, qualquer das pessôas, que compõem aquella importante familia, poderá manifestar, com a franqueza que lhe é peculiar, se sabe ou lhe consta, ter eu praticado actos incompatíveis com o decoro e a honra, se lhe tenho sido incommodo ou motivo de qualquer prejuizo por menor que seja.

Não me peza na consciencia a pratica de feitos ou acções que possam desdourar minha vida; a pezar de tudo, tenho sido martyrisado pela calunnia e pela diffamação!

Ao passo que gosam fama de homens de bem alguns *figurões* que deviam antes andar de grilhêta aos pés, pelos seus bons feitos, para serem bem conhecidos, os verdadeiros homens de bem são taxados de ladrões, malvados e assassinos!!

Cousas do mundo!!...

---

Tendo feito a resenha de todos os meus negocios, passo a expôr a dos differentes cargos que tenho exercido e os titulos honorificos que me têm sido conferidos, sem que n'isso entre sequer um átomo de vaidade, mas, unicamente, para demonstrar que tenho sido bastante considerado, e tão considerado que, por oc-

casão de minha viagem ao Ceará, por motivo de grave molestia á ponto de não haver esperança alguma de voltar com vida, levei cartas de credito no valor de treze contos de réis; sendo cinco contos de réis dos Srs. Jorge e Santos, de quatro contos dos Srs. Cunha Santos e C., Successores, de dois contos do Sr. Domingos Ribeiro da Cruz e de quantia igual dos Srs. Almeida Junior e C., Successores; e, á excepção d'esta ultima carta de credito, só vim a saber do contheudo das mais quando fiz d'ellas entrega no Ceará.

Não é, pois, qualquer *Sentinella* que poderá abalar o credito, adquirido á custa do meu labôr honesto e bom comportamento.

Na idade de 21 annos fui iniciado membro da L., Firmeza e União 2, e exerci, por espaço de dois annos consecutivos, o cargo de Secretario, occupando o de orador o Sr. Dr. Gentil Homem de Almeida Braga, de saudosa memoria.

Em 16 de fevereiro de 1861, foi-me conferido o titulo de socio effectivo da «Sociedade de beneficencia—Luso—Maranhense».

Em 17 de março do mesmo anno, recebi tambem o diploma de socio effectivo da sociedade litteraria «Athenu Maranhense».

Em 5 de julho de 1880 fui nomeado agente do Consulado de Portugal na comarca de Guimarães.

Em 25 de abril de 1888 foi-me concedida a carta de naturalisação de cidadão brasileiro.

Em 19 de novembro do mesmo anno fui agraciado pelo Imperador do Brasil com o officialato da Ordem da Rosa, por serviços relevantes prestados ao Estado.

Em 12 de Janeiro de 1892 fui nomeado presidente da Intendencia Municipal de Guimarães.

Em 1894, fui, pela primeira vez, eleito deputado ao Congresso Legislativo d'este Estado.

Em 1898, tive o prazer de ser reeleito para o mesmo cargo.

No mesmo anno fui apresentado e eleito irmão da «Santa Casa da Misericordia» d'esta cidade.

Ainda no mesmo anno fui eleito vereador da camara Municipal de Guimarães.

Em 25 de Fevereiro de 1898 fui admittido para fazer parte da confraria do SS. Sacramento da freguezia da Cathedral.

A' vista d'estes factos poder-se-ha acoimar de perverso e malvado o homem que tem sido alvo de considerações tão honrosas ?

Responda por mim o publico sensato.

E'tempo de dizer algumas palavras a respeito do «Sentinella», cujo procedimento, me tem causado serios desgostos—não lhe tendo eu feito o menor mal: nunca o offendi—ao contrario sempre o considerei e me parecia que elle retribuia do mesmo modo. Se algumas vezes o desgostei em negocios politicos, cumprindo o meu dever, não era isso bastante para merecer a sua odiosidade.. Tenho convicção de que o Sr. Sentinella não assaltaria a minha honra como tem assaltado, si não tivesse a certeza de que amo minha familia e de que os meus unicos parentes aqui são minha mulher, tres filhas e tres netinhos ainda em comêço da adolescencia—que idolatro como naturalmente o Sr. Sentinella idolatra os seus—e eu com maioria de razão, porque os meus são orphãos de pai e os seus não. Mas . . . . . O respeitavel publico traduzirá a reticencia como achar de justiça.

Um facto de ordem especial devêra, de ha muito, ter chamado a minha attenção sobre os manejos d'aquelles que, tentando prejudicar-me, se constituiram meus desleaes detractores. revelando-me essa desafeição latente que lhes ia n'alma; mas eu, então sem desconfiança alguma, não lhe liguei a importancia devida, não lhe prestei a attenção necessaria Alliada como se acha a minha familia á dos Srs. Dias Vieira, casados dous membros d'esta, um infelizmente já fallecido, com filhas minhas, reinava entre nós a maior cordialidade; as relações, que existiam, possuíam o character da mais sincera estima e confiante amisade.

Para começarem a ferir-me foi por ahí que prelu-diaram os meus gratuitos inimigos de quem, desco-nhecendo eu a inimisade, não podia de forma alguma arrepear-me.

Acercaram-se de mim, fizeram-me narrativas de cousas que, diziam, haviam sido ditas pelos Srs. Vi-eiras á meu respeito, ditos envenenados que traziam consigo a offensa.

Naturalmente eu, ao saber dos propositos offensi-vos que me relatavam, deixava escapar algumas phra-ses de resentimento, proprias de quem se sente profun-damente maguado; estas, desfiguradas, avolumadas, adulteradas, eram levadas pelos mesmos que m'as ti-nham arrancado ao conhecimento dos Srs. Vieiras. Surtiu-lhes effeito o plano: a discordia estabeleceu-se entre as duas familias, a união desapareceu ante essa intriga calumniosa de uma fertilidade inexaurível nas suas creações, esse mexerico insidioso a avclumar ditos que, primitivamente quasi inoffensivos, tomavam o ca-racter, graças aos accrescimos que se lhes faziam, de verdadeiros ultrajes, de affrontas irreparaveis. Não des-confiando, como ja o disse, dos meus detractores de hoje, então já á caminho da tarefa de me serem preju-diciaes, cahí no laço que me armaram á boa fê e o rom-pimento com os Srs. Vieiras se realisou inteiro, tal como o desejavam os seus promotores.

Para aquelles que possuem familia, que lhe compre-hendem os encargos, que lhe conhecem do valôr, ne-nhuma discordia ha mais penosa, que acarrete maior somma de desgostos, que aquella que se dà no seu seio. As dissensões em familia, exactamente porque a familia é um theatro muito menor que o da sociedade, pos-suem um character mais agudô, mais angustioso que as d'esta.

Azilo a que o homem cansado dos labores se recolhe, se accaso a discordia penetra n'elle, perde a feição pro-jectora que é a sua naturalmente, para se tornar um recinto de amarguras, um espaço reservado á dolorosas provações.

Casadas duas filhas minhas com mebros da familia Vieira, rotas as relações entre ambas as familias, ima-

gine-se a dolorosa posição em que fiquei, obrigado a viver arredio d'aquellas que eram o meu sangue e ellas, coitadas ! na posição difficil de esposas de cidadãos que eram desaffectedos de seu pai, não podendo nem defender nem accusar a nenhum, aos esposos prezas pelo laço mais santo que congrega seres na terra, ao pai, pelo sangue e reconhecimento dos cuidados recebidos.

A obra do mal chegara a este resultado de accentuadissima perversidade, conseguira torturar-me moralmente, fazer da minha existencia á cada momento um acervo de dôres.

Aos que vivem em centros populosos, onde as occupaões diarias como que absorvem todas as faculdades do homem, as intrigas passam muitas vezes despercebidas, os mexericos não tomam essa importancia que os logares pequenos lhes dão.

Assim não acontece em logarejos onde, á falta de occupação constante, a menor cousa desperta a attenção geral, onde o facto mais insignificante é largamente commentado, discutido, como se se tratasse de questão de grande valia.

As grandes cidades, si tornam os homens um tanto egoistas, teem comtudo a vantagem de diminuir entre elles os attrictos, pouco se preoccupando cada um com o que os outros fazem, deixando o viver á vontade sem lhe intervir na vida. Nos logarejos o contrario se da: qualquer incidente com uma familia torna-se logo alimento para a bacharellice do logar, os commentos se erguem em torno do assumpto que surge.

N'um logar pequeno como aquelle em que resido, calcule-se a quanta tagarellice indiscreta daria logar a dissensão entre duas familias alliadas, o pasto que ella deu á maledicencia fertil em exagerar tudo.

Tratava-se de duas familias consideradas do logar, de pessoas que na politica desempenhavam papeis de monta; tanto bastava para despertar a attenção geral, para animar a inconsciencia dos falladores, felizes em terem enselo de dizer quanto lhes aprazia.

Assim dos ditos insidiosos d'aquelles que são hoje os meus detractores nasceu a discordia entre as duas familias, discordia que o espirito do logarejo avolumou,

que a bacharellice de aldêa tornou cada vez mais accentuada.

Não devêra eu deixar em esquecimento este manejo indecoroso dos gratuitos inimigos, para à luz d'elle se ver de quanto são capazes almas pequeninas, para as quaes nada è sagrado na terra, nem mesmo as mais puras affeições de familia.

E' por tal motivo que aqui consigno a narrativa de quanto tramaram para fazer rebentar a discordia entre a minha pessoa e a familia Vieira.

Quem teve a coragem para tanto, admira que hoje envide todos os esforços para, em campanha de diffamação, procurar denegrir-me o carâcter e faser pairar calumnias sobre a minha vida, emprestando-lhe factos aléivosos que n'ella não existem.

Por espirito meramente vingativo, negou depois o *Sentinella* os serviços por mim prestados á causa publica, e quando teve occasião de ler a confirmação d'aquelles serviços em um artigo firmado pelo sr. Felinto Reis, no qual appellava para testemunhos insuspeitos, exasperou-se ainda mais não só porque lhe era impossivel destruil-os, como por que vira cahir por terra todas as suas accusações que tinham somente per fim aniquilar-me, como dizia. Esse procedimento malefico do *Sentinella* forneceu-me ensejo para provar cabalmente que não tenho sido um homem inutil, e sim um cidadão prestavel e meritorio.

Ha males que vêm para bem.

O *Sentinella* fez incontestavelmente parte do diabolico conciliabulo, no qual convencionou-se mandar assegurar n'esta capital que eu não viria fazer parte do Congresso que tinha de apurar a eleição de Governador, porque propositalmente me havia retirado para a «Chapada» á pretexto de assistir á ferra de meu gado.

Felizmente não vingou o plano engendrado, apezar de ser publicado o tal acervo de calumnias no dia 2 de agosto, vespera do dia em que devia ter logar a abertura do Congresso, como pensavam, não só porque os meus amigos politicos d'esta capital jamais dariam credito a semelhantes embustes como porque, dando-se a abertura do Congresso no dia 6 do mesmo mez de agos

to, apresentei-me logo no dia seguinte, não tendo comparecido antes por motivo de molestia.

Perderam o tempo os meus gratuitos inimigos!

Julgaram desprestigiar-me no conceito dos directores do meu partido, e que estes, dando credito ás suas aleivosias, me desconsiderassem alijando-me da politica; mas a cartada foi mal jogada.

Ficaram convencidos de que eu tinha prestigio, que não era phosphoro, como diziam.

Terminada a narração de quanto tem constituido a minha vida, pouco mais me cabe acrescentar.

Durante a minha vida inteira exforcei-me por ser digno d'aquelle a quem devo a minha presença no mundo.

Meu pai, Manoel Antonio Lopes Carneiro, foi sempre um completo homem de bem. N'uma das cartas d'elle que conservo religiosamente como reliquia, escriptas de Portugal para aqui, quando já eu sahira da patria, ha este trecho que me tem servido de ensinamento ao viver:—«Não te deixo fortuna, porque não a tenho; mas tambem não te deixarei desprezos e nem um dia te envergonharás de dizer—«eu sou filho de fulano» pronunciando o meu nome com toda a afoiteza.»

Pensando da mesma forma, eu, quando grandes bens de fortuna não legue a minhas filhas, quero que possam ellas da mesma maneira que eu profiro o nome de meu pai, articular o do seu, certas de que devem a existencia a quem nunca na vida praticou acto que lhes acarrete vergonha.

Isso quero-o eu e tudo farei para deixar de pé o conceito em que devo ser tido:—o de um homem que tudo deve ao seu esforço e trabalho, incapaz de actos deshonestos; que, se conseguiu obter alguns meios de fortuna, os deveu exclusivamente a sua impreterrita vontade de trabalhar e que, se possui fraquezas e defeitos, como é proprio de todos os homens, pois a Escripura Sagrada, no seu sublime dizer, affirma que o proprio justo pecca sete vezes por dia, como demons-

tracção á fragilidade humana, nunca poz em pratica meios deshonorosos para adquirir o que hoje lhe constitue os haveres, repugnando-lhe a improbidade naturalmente por temperamento.

Este conceito é aquelle a que me acho com direito.

Ha familias em que a enfermidade, a loucura, o crime se transmittem hereditariamente; na minha, desvanço-me de disel-o, quero crer que é a probidade que se transmitta.

Meu pai foi honrado, honrado me juigo eu e quero que o sejam os meus descendentes, orgulho que não me deve ser levado á immoestia.

Não tenho aquella hereditariedade, e sim esta, que ensina a respeitar o que não é nosso e, justamente, tiro orgulho da probidade dos meus.

E' possivel que a alguns espiritos pareça pouco modesta a maneira por que me tenho occupado da minha individualidade, mas de outra forma não me fôra dado eserever.

Accusado injustamente, injustamente diffamado, outro caminho não tinha para responder á accusação e esmagar a diffamação que não o de pôr em evidencia o que tenho sido.

Se n'isto ha immoestia, culpados d'ella são apenas aquelles que me obrigaram a vir ao publico patentear serviços, e allegar virtudes, serviços e virtudes de que não fallaria eu, se me deixassem calmamente continuar na minha vida pacifica de homem de trabalho que, se em politica tem militado, mais o ha feito para ser util á amigos e aparentados, de que em proveito proprio, visto que nas carreiras politicas não ambiciona proventos, nem aspira a abrir caminho á posições altas e lucrativas.

Vou concluir e uma advertencia se torna necessaria.

D'ora em diante não mais responderei aos meus anonymos detractores, á não ser com o desprezo que merecem.

Quanto aos que, sob a responsabilidade dos seus nomes, se lembrarem accaso de me offender, sem acrescentar aos ultrages que me irroguem provas cabaes de quanto affirmam, ver-me-hei na contingenciã.

caso valham elles essa honra, de recorrer ao desforço pessoal,

Estou velho e um adversario na minha idade não é muito para temer; todavia prefiro a honra á vida e já que procuram dilacerar uma podem muito bem pôr termo á outra.

A quantos se tem dignado ler esta exposição em que me justifico das calumnias de que sou victima, peço desculpa de lhes haver roubado algumas horas da existencia com factos que os não interessem directamente. Comtudo, e está aqui uma lição profunda, lembrem-se de que tambem podem mais tarde ser victimas de calumnias, pacientes dos manejos de espiritos máus, traçoeiros, desleaes e perversos. O que se passou commigo pode lhes servir de prevenção, fazer com que se acautellem contra inimigos dissimulados, escapando assim aos dissabores que têm sido os meus.

Tranquillo por ter a inteira consciencia da justiça da minha causa, eu aguardo que a opinião auctorizada e a virtude esclarecida se colloquem a meu lado, apóz a exposição despretenciosa que acabo de fazer.

Felizmente ainda ha homens de bem.

*Jose Lopes Carneiro.*



# Justificação

Em virtude da demora que tem havido na publicação d'esta obra, cuja impressão desejo vér terminada; e por sêr bastante extensa a justificação a que me refiri no decurso d'ella, deixo de transcrevêr aqui a mesma justificação, deixando-a depositada na Redacção do jornal «Diario do Maranhão», à disposição de quem a quizer examinar.